

CARCARÁ

PRÊMIO LITERÁRIO CARCARÁ 2020:

PELAS JANELAS

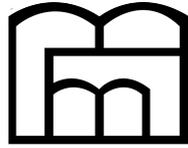
Reflexões em tempos de isolamento



unesp 



REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL
DA UNESP



Biblioteca “Prof. Dióres
Santos Abreu”

Organizadoras:

Ana Luzia Videira Parisotto

Cristina Maria Perissinotto Baron

Giovana Rampazzo Teixeira

Teresa Raquel Vanalli

I Prêmio Carcará

Pelas janelas: reflexões em tempos de isolamento.

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade
Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente

2021

Comissão Organizadora / FCT UNESP

Ana Luzia Videira Parisotto - Depto de Educação

Cristina Maria Perissinotto Baron - Depto de
Planejamento, Urbanismo e Ambiente

Eliane Maria Vani Ortega - Depto de Educação

Giovana Rampazzo Teixeira - Depto de Educação
Física

Katia Maria Roberto de O. Kodama - Depto de
Educação

Michelle Mariana Germani - Aluna do Programa de
Pós-Graduação em Educação

Ian Damaceno - CEMOSi (Centro de Memória,
Documentação e Hemeroteca Sindical “Florestan
Fernandes”)

Alessandra Kuba Oshiro Assuncao - Serviço Técnico
de Biblioteca

Fatima Regina Lucas - Serviço Técnico de Biblioteca

Silvana Silgueiro - Serviço Técnico de Biblioteca

Tamara Casagrande Sanches - Serviço Técnico de
Biblioteca - FCT/UNESP

Teresa Raquel Vanalli - Serviço Técnico de Biblioteca

Virginia de Souza Nicoluci - Serviço Técnico de Biblio-
teca

Comissão julgadora

Ana Luzia Videira Parisotto - Depto de Educação - FCT/UNESP - Presidente Prudente

Andréa Ramos de Oliveira - Pós-graduação - FCT/UNESP - Presidente Prudente

Carlos Francisco Freixo - Associação Prudentina de Escritores

Cláudio Messias - Unidade Acadêmica de Artes / Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Eliane Maria Vani Ortega - Depto de Educação - FCT/UNESP - Presidente Prudente

Michelle Mariana Germani - Pós graduação - FCT/UNESP - Presidente Prudente

Rozana Lopes Messias - Depto de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação - Faculdade de Ciências e Letras/UNESP - Assis

Sérgio Fabiano Annibal - Depto de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação - Faculdade de Ciências e Letras/UNESP - Assis

ISBN: 978-85-60554-17-1



Este obra está licenciado com uma Licença

[Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho licenciado

para fins não comerciais desde que atribuam ao autor original o devido crédito.

Os usuários não têm que licenciar os trabalhos derivados sob os mesmos termos estabelecidos

pelo autor do trabalho original.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Fonte: <https://repositorio.unesp.br/>

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da
Informação - Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação - UNESP, Campus de
Presidente Prudente

P95p I Prêmio Carcará : pelas janelas: reflexões em tempo de isolamento /
[recurso eletrônico] / Organizado por Ana Luzia Videira Parisotto... [et al.]. -
Presidente Prudente : FCT/UNESP, 2020

ISBN: 978-85-60554-17-1

1. Literatura brasileira. 2. Prêmio Literário. 3. Contos. 4. Crônicas, Poesia.
I. Baron, Cristina Maria Perissinotto. II. Teixeira, Giovana Rampazzo.
III. Vanalli, Teresa Raquel. IV. Primeiro Prêmio Caracará : pelas janelas:
reflexões em tempo de isolamento.

Bibliotecário(a)
Claudia Adriana Spindola
CRB 8ª: 5790

Apresentação

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Campus de Presidente Prudente, lançou em 2020 o primeiro concurso literário denominado “Prêmio Carcará” com a temática “Pelas janelas: reflexões em tempos de isolamento”.

O Prêmio Carcará é um concurso cultural que objetiva incentivar a criação artística e a autoexpressão literária, incentivando a reflexão, gosto pela leitura e escrita, suscitando a circulação de novos autores no meio universitário.

Nesta primeira edição, em meio ao caos pandêmico de 2020, o Prêmio Literário surgiu com a intenção de que a comunidade da FCT/UNESP pudesse expressar sentimentos e reflexões com relação ao momento que estávamos vivenciando. Com esta situação atípica que acometeu todas as instâncias da vida, espera-se que a arte sobreviva e faça sobreviver, garantindo que a escrita (ainda) pulse ou floresça na vida das pessoas minimizando o impacto do isolamento social.

O nome Prêmio Carcará foi pensado a partir de uma alusão ao informativo criado pelo Diretório Acadêmico “3 de Maio da FCT/UNESP de Presidente Prudente”, o “Carcará” que era composto de uma estrutura informativa de ações que abordavam críticas políticas e artísticas de âmbito local, regional e nacional. Criado no ano de 1976, em meio ao período do regime da ditadura militar brasileira, o boletim visava, sempre com bom humor e conteúdo argumentativo, (considerados ofensivos por setores mais conservadores da instituição) combater e contestar episódios autoritários e repressivos, ações comuns à época do comando militar.

Nesta premissa, identificamos o boletim de 76 como a identidade do concurso literário, relacionando o momento impositivo de isolamento social, bem como, a situação nunca vivida até o momento com a oportunidade de extrair reflexões criativas contribuindo com o bem-estar da comunidade.

Aproveitamos também a oportunidade, para homenagear o Professor-historiador do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Dióres Santos Abreu, aposentado em 1990 e falecido em setembro de 2020, cujo legado de suas obras enriquecem muitas pesquisas acadêmicas sobre o Oeste Paulista até o momento. Contribuiu, durante toda sua vida, com valiosíssimas doações que, além de engrandecerem o acervo da Biblioteca, honraram as mais brilhantes memórias da humanidade: a sabedoria deixada para outras gerações. Não há como falar do Professor Dióres sem citar o poeta Castro Alves:

“Oh! Bendito o que semeia
Livros, livros à mancheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n’alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!”

Prefácio

O Prêmio Literário Carcará 2020 teve como proposta o incentivo à criação de textos literários, propiciando espaço para que a comunidade da FCT/Unesp pudesse expressar sentimentos e reflexões experienciados durante a pandemia de COVID-19.

A organização das ações relativas ao concurso e à publicação deste material já nos possibilitou uma profunda experiência de trabalho colaborativo, pois contou com a contribuição voluntária de muitas pessoas, nas várias etapas que são inerentes a atividades dessa natureza.

Nesta coletânea, os autores (alunos e ex-alunos de graduação e de pós-graduação, professores e funcionários) nos banqueteariam com suas reflexões e sentimentos despertados durante o período de quarentena, a partir de textos escritos em diversos gêneros: contos, crônicas e poemas. São portavozes de um tempo difícil, em que percebemos mais nitidamente a necessidade da arte para nossa sobrevivência. Temos sete contos que abrem esta coletânea: Enquadramento contemporâneo; Nossos comportamentos; A cabine 36; Eles eram milhões; Há uma garota no penhasco; O pesadelo do menino em tempos de pandemia; e Aquele homem quer sair.

Posteriormente, chegamos à seção das crônicas, onde encontramos os seguintes textos: Uma ida ao mercado; A ditadura da produtividade; Dia de missa ou daquelas coisas que as mães fazem; A (minha)

janela e os intransitivos; (Es) tanque; Em março parou; Amor por um fio; Anverso (A crônica do vírus); A Terra parou; e Tempos de explodir.

Na última seção, estão os poemas: Entre janelas; Pécora; A dose; Janelas para nós; Intervenção; Artesia; Dor, lugar comum; Isolamento; Perspectiva; e, finalmente, Tempos quebrados.

Esperamos que as pessoas encontrem nesses textos a inspiração e a reflexão necessárias para alimentar uma vida com mais sentido e sabor, apesar de toda escuridão e retrocessos que insistem em nos golpear.

Ana Luzia Videira Parisotto

Eliane Maria Vani Ortega

Sumário

Contos 15

Enquadramento contemporâneo.....	16
Nossos Comportamentos.....	20
Eles eram milhões.....	27
A cabine 36.....	38
Uma garota no penhasco.....	44
O pesadelo do menino em tempos de pandemia.....	48
Aquele homem quer sair.....	54

Crônicas 60

Uma ida ao mercado.....	62
A ditadura da produtividade	64
Dia de missa ou daquelas coisas que as mães fazem	68

A (minha) janela e os intransitivos	72
(Es)tanque	78
Em março parou.....	82
Amor por um fio	86
Anverso (A Crônica do Vírus)	90
A Terra parou	94
Tempos de explodir	98

Poemas 102

Entre Janelas	104
Pécora.....	108
A Dose	110
Janelas para nós	111
Intervenção	116
Artesia	120
Dor, lugar comum.....	121
Isolamento	126
Perspectiva	128
Tempo Quebrado	121

Autores 136



CONTOS

Enquadramento contemporâneo

Camila Rodrigues Batista Neta

Duas pessoas olham atentamente o quadro diante de si. Não se conhecem e nem mesmo se mantêm suficientemente próximas. Bom, era o perfeito distanciamento; não as fazia parecerem esnobes, muito menos terem de se aproximarem demais, afinal, estavam em um museu, portanto, seguiam a postura que aquele ritual exigia.

— Essa imagem é tão...

— a voz morreu antes mesmo de completar a análise.

— Sim... — o comentário cabia perfeitamente naquele contexto.

Ambos sujeitos sustentam o olhar para a fotografia. A arte existe para ser apreciada e analisada com seu devido tempo e atenção. É preciso um cuidado especial para que não percam as minúcias do todo que a pessoa responsável tenha idealizado.

Os olhos se movem de ponta a ponta, tentando memorizar tudo com os mínimos detalhes, assim como as mãos, que parecem acompanhar esses mesmos movimentos; ávidas para tocarem, quase como se houvesse algo mais ali em que o tato auxiliaria na compreensão. Os pés, por outro lado, queriam chegar perto; um auxílio óbvio às vistas já cansadas do que não podem ver direito. Trata-se de uma imagem relativamente pequena e por estarem onde estavam não podem simplesmente darem os dois passos necessários.

De uma maneira natural, os olhares se encontram. Um estranho conforto se fez presente. A imagem diante de ambos foi tirada a distância, capturando um espaço grande demais para o enquadramento escolhido. Naquela troca de olhares continha, também, um desconforto quase palpável. Daqueles que buscam entender melhor a situação, se aproximarem, talvez dialogarem um pouco mais sobre aquela situação. Contrariados por uma série de etiquetas e pela necessidade de se adequarem, permaneceram distantes. Se estivessem atentos ao seu redor, poderiam notar leves tremores que os apossavam copiosamente.

— Isso é tão triste...

— a primeira voz tornou a tomar a iniciativa. A sonoridade, por sua vez, parecia apenas arrastada

— triste com certeza, mas muito poético também!

— a entonação enfim parecia condizente. Entusiasmada. Até demais...

Diferente do outro momento, a segunda voz não respondeu nada. A pessoa hesitava um pouco. Não achava bonito, nem mesmo poético, porém havia algo que a impedia de verbalizar isso. A imagem, um tanto diminuta e centralizada no meio entre o espaço dos dois corpos possuía uma cor predominante, conseguia perceber isso. O marrom, em um tom barroso, pois era daquilo que se tratava, até onde podia ver: um enorme terreno com várias escavações. A terra disforme

e mais acentuada em algumas regiões. Com calma, se mantinha atenta para ter a certeza de estar vendo como deveria.

Nossos Comportamentos

Charlles Tayomitsu Ono

Nossos comportamentos

Após correr três quarteirões, os dois amigos de quatro patas estavam completamente exaustos.

Sabe, Tomy, tudo tem estado muito estranho ultimamente. Não tem nenhuma moto para a gente perseguir e nem mesmo uma única bicicleta.

É, Bob, o mundo está muito estranho, eu não faço ideia de onde foi parar todo mundo. De qualquer forma, vamos atrás do nosso almoço e depois visitar a Megan.

Os dois companheiros caminharam pela rua deserta que mais lembrava uma cidade fantasma, pouquíssimas pessoas, rostos tampados, passando uma sensação de melancolia e desconforto que se espalhava em cada canto que eles passavam. No caminho se deparam com Roger, um velho cão abandonado por ser aleijado e que era alimentado por uma senhora que morava a algumas quadras dali.

Roger, você está bem? Tem se alimentado direito? Você parece estar pior do que o normal.

Não se preocupem comigo, jovens. Mais importante, onde está a Megan? Achei que vocês três eram inseparáveis.

Nem me fale, velhote... Ela foi pega faz algumas semanas, na verdade estamos indo visitá-la.

Digam que eu mande um cheiro para ela (talvez seja o último).

Deixa com a gente, se precisar de algo não hesite em pedir.

Depois disso desceram a longa ladeira até uma enorme lata de lixo, onde geralmente se alimentavam, apesar de que nos últimos dias a comida vinha sido mais escassa do que o normal, o que preocupava os dois amigos. Mas esses pensamentos desapareciam quando eles terminavam de comer os restos e ficavam jogando conversa fora ao olhar para o céu que mais parecia o mar, compartilhavam seus sonhos mesmo sabendo que eram impossíveis de se realizar, talvez só pelo fato de não terem outro assunto.

Após o almoço, decidiram visitar a Megan que estava presa no canil, obrigando-os a visitá-la sempre que possível. Chegando lá, os muros altos com cerca, além dos gritos que ecoavam daquele lugar, faziam os bravos cachorros ficar com medo, mas visitar a amiga era mais importante e se dirigiram para o lugar de costume ao leste do canil onde havia uma fresta na parede.

- Ei, Megan, estamos aqui.
- Meninos, que saudades de vocês! Como estão?
- Mais ou menos, tem muitas coisas estranhas acontecendo aqui fora.
- O que poderia ser pior do que um canil, Tomy?
- Bem, os humanos estão quase todos escondidos, sem contar que os poucos que vemos estão usando focinheira, Megan!

- Uau, isso sim é algo preocupante, talvez seja mais seguro aqui dentro do que aí fora. O problema é que por conta de tantos problemas e estresse eu acabei engordando alguns quilos, sou quase uma obesa.

- Não se preocupe com isso, Megan, você ainda é linda. Mais importante: vamos planejar sua fuga além de descobrir o que está acontecendo com os humanos.

- Obrigada, Bob. Mas como planejam descobrir?

- Essa é fácil, com a Susan. Ela é do alto escalão de cachorros, já que seus donos são ricos, com certeza sabe de alguma coisa.

- Vocês sabem que eu a odeio, né? Aquela traidora... - Bom, de qualquer forma, medidas drásticas exigem atitudes drásticas também, até logo, Megan.

- Se cuidem, meninos.

Assim que se despediram, Bob e Tomy tiveram que atravessar a cidade inteira só para chegar à casa de Susan, a cadela que uma vez fez parte do grupo deles, mas após ser adotada por uma família rica os abandonou. Com isso algumas mudanças de comportamento.

Ao chegarem lá, a enorme casa brilhava tanto quanto o sol e os deixara tontos, os jardins sem fim eram o paraíso de qualquer cão, e lá no meio estava Susan.

- Susan, somos nós.

- Ah, garotos, achei que já tinham sido pegos pela guarda do canil.
- Não fale besteiras, viemos saber o que está acontecendo, onde todo mundo está?
- Não sabem? Cães de ruas deveriam ser mais bem informados. Enfim, há um monstro solto por aí que tem atacado todos.
- Monstro? Que ridículo, somos fortes para acabar com qualquer um, não é, Tomy?
- O monstro é invisível, Bob, a única forma de vencermos é nós ficarmos separados, já que pelo que eu entendi ele fica mais forte quando estamos juntos.
- Então, basicamente vencemos se nós nos separarmos ao invés de nos unirmos, assim como não precisamos fazer nada para vencê-lo?
- Exatamente, Tomy, vence quem não fizer nada, engraçado, né?
- Essa conversa não faz o menor sentido para mim.
- Você é um cabeça de vento, Bob, eu recomendo que vocês entrem no canil o mais rápido possível.
- Tá louca, Susan? Aquilo é um pesadelo para qualquer um, tira completamente nossa liberdade.
- Acho que ela está certa, Bob, vamos nos entregar, você mesmo viu que o mundo está completamente de cabeça

para baixo.

- Se quer se entregar, vá sozinho, Tomy, eu tenho orgulho canino.

Então, o tolo cão, por conta de sua ignorância, saiu correndo às pressas sem rumo, enquanto seu amigo hesitantemente caminhava até o canil para se proteger.

Alguns dias se passaram e Bob estava junto ao velho Roger desde então, porém o Roger tossia muito e estava com muita febre.

- Cof, cof, você deveria ir para o canil também, pelo que me contou eu também acredito que é o melhor a se fazer.
- E deixar o senhor sozinho, pensando bem agora foi melhor eu não ter ido.

A condição de Roger só piorava e Bob decidiu que não tinha outra opção além de ir pedir ajuda ao canil. Após muita hesitação, ele saiu correndo até o canil e ficou latindo o mais alto que possível. Rapidamente o carro foi acionado e perseguiu Bob, que correu até onde o Roger estava. Ao chegar lá a equipe fez os primeiros socorros no velho cão, mas nesse meio tempo Bob começou a sentir extrema fraqueza no corpo e uma falta de ar imensa até perder os sentidos.

Eles eram milhões

Eliseu Savério Sposito

Eles chegaram aos milhões. Não foram vistos por ela. Mexiam-se em um silêncio sanguíneo impressionante. Não tinham cor definida pois tomavam a cor do lugar por onde passavam. Não tinham nome nem sobrenome. Mas eram conhecidos por todos por um nome genérico. Não tinham chefe, comandante ou comandados. Foram se alojando em pequenas cavidades alveolares, tão pequenas como eram eles. Mas pequenos, eram muitos. Não havia lágrimas que os comovessem. Não havia alimento que não os favorecessem. Não ficavam parados. Deixavam-se levar pelas ondas para se alojar nos pequenos espaços úmidos, regados a alimentos gasosos, oxigênio puro. Encontraram o lugar ideal. Restos de nicotina nas paredes endurecidas eram cola perfeita para sua aderência, para a sobrevivência e, mais ainda, para sua reprodução. O sopro que entrava era suficiente para que se dividissem em muitos outros, pequenos fragmentos de vida primitiva que se empurravam no diverso succulento esponjoso, chão e milharal morno e acolhedor, sem os quais não se faziam sentir. Nunca se aquietavam. Não havia sono para eles. Movimentos às cegas, pernoitavam o dia inteiro e se deslocavam a noite inteira. Barulho, não faziam.

Lea não sabia de nada. Havia fumado a vida toda. Tinha, em seus pulmões, infinitas partículas de nicotina impregnadas nos brônquios que teimavam, agora que ela era sessentona, em lembrar-lhe o que não devia ter feito. Estava posto o desafio para o coração, a mente e a vontade de viver. Estava sentada em sua sala, num confortável sofá de couro de segunda, já roto nas dobras, descascado nos apoios, com o forro que formava um

buraco onde se sentava, mas em todo caso, muito confortável para conter seu gordo traseiro, recheado de tecido adiposo, com peso lateral e constantes coceiras, em virtude da má circulação do sangue. Via e revia um álbum de recordações que fizera quando estivera, única vez na vida, em Paris. Nele, venerava Josefina, a mulher de Napoleão, sem nunca tê-la visto. Era sua admiração. Foi ver o castelo de Malmaison onde Josefina passara a maior parte de seus últimos anos.

Não se conteve em deixar rolar algumas lágrimas pela emoção de visitar um lugar aonde nunca tinha ido mas do qual já sentira saudades em seus sonhos de juventude, quando estudava francês no Liceu Pasteur, na vida em São Paulo. Tinha sido há muito tempo, pois afinal ela já avançava nos seus sessenta anos. Mas a paixão pela história continuava. Lembrou que Josefina era francesa da Martinica, que nascera em fazenda de plantação de cana de açúcar. Como francesa, sabia que havia muito para fazer em Paris e Versalhes. Ela se mudou, com o marido e dois filhos, para Paris.

O fim trágico do marido foi a guilhotina durante a revolução francesa. Ela encontra Napoleão; ele se apaixonou por ela. Ele fazia a guerra, ela fazia o amor. Ele criava inimigos, ela deu a sutileza e elegância do lado feminino ao império. Ela era elegante na corte e para seus amantes. Enquanto ele pelejava pelos campos da Rússia, pelo norte da Europa, ela aquecia a alcova em Paris. Era a paixão do imperador, que se autoproclama como o primeiro Napoleão, quando toma a coroa das mãos do papa que iria coroá-lo. Ele coroa, também, Josefina como imperatriz dos franceses. Napoleão traz o presente para ela que consolida seu

papel de dama francesa. O castelo de Malmaison, nos arredores de Paris, é museu bastante visitado por quem quer se aproximar dessa história que Lea tanto viveu em pensamentos e imagens de livros. Napoleão fazia a política, ela não fazia discursos; ele estava em todas as cerimônias de Estado, ela acompanhava e personificava e companheira de quase todas as horas.

O álbum era bem organizado, continha fotografias, bilhetes de metrô, rótulos de vinho, guardanapos de restaurantes, anotações do que foi feito durante o dia, imitando um diário livre e sem dar importância ao que era mais ou menos importante. Para ela, tudo era importante. Tudo era lembrança que precisava ser registrada para ser revisitada uma vez por ano, nos dias em que ela visitara Paris. Das lembranças e dos registros, ficava o deleite do prazer de manusear as folhas antes de dormir.

Dormir e lembrar, lembrar e dormir, sonhar e viver, sonhar sem viver, viver com a imagem na mão. De tanto ser folheado, o álbum já estava amarrotado, as páginas começavam a se soltar, as pontas pareciam orelhas, alguma mancha de café caído distraidamente no momento de um suspiro sem solução. O álbum não pesava mais, parecia flutuar em meio às lembranças que embalavam os dias cansados, quando o sono não vinha. Depois, antes de acordar, vinham as imagens de Paris, os percursos pelo metrô, com sotaques e cores de gente de todos os cantos do mundo, o cheiro acre e nauseante das pessoas sem banho ou o desodorante sem efeito nos finais de tarde, as estações bem conhecidas, com letreiros surrados, as pessoas saindo de cabeça baixa, olhando para baixo e se esguiando na

multidão se arrastando como cobra pelo chão, como já cantou Gilberto Gil.

Foi lembrando do álbum que ela entrou no hospital, sobre uma maca com rodas, barulhentas, pelos corredores largos, pintados de branco, sem se dar conta do que acontecia. Sentia apenas uma dor imensa no peito. Os pulmões estavam tomados pelos milhões de seres microscópicos que se multiplicavam celeremente. O tratamento teria que ser de choque.

Os antibióticos estavam preparados para a guerra napoleônica que ela iria empreender contra os milhões que se aglomeravam em seu corpo formando um escudo que se grudava nos brônquios endurecidos e ressecados com aquela presença incômoda. Ela, que seduzira os namorados com sua beleza, paralelo feito com Josefina que tinha, no charme, seu encanto na corte, firmara seu destino fazendo política nos bastidores da família. Assim, Lea também usou seu charme para se sentir feliz e amada por seus amores. Agora, precisava suportar para manter, em guerra contra o invisível, a vida que teimava em fugir sem deixar opção.

As rodas giravam rápido em direção ao quarto. As luzes feriam os olhos fechados. O coração batia forte para suprir com oxigênio as partes infeccionadas. O embate se mostrava duro. A correria do pessoal dentro do hospital terminou quando ela foi sedada e uma quantidade nunca vista de antibióticos foi aplicada em sua veia. A respiração passou a ser por aparelho. Um tubo fino, que se dividia em dois, foi colocado em suas narinas que se dilatavam num esforço de buscar o ar que vinha denso. Esse aparelho iria acompanhá-la

por muito tempo ainda. Era o mesmo tubo, agora com quinze metros, que serpenteava pelo chão ligado a um botijão de cinco quilos que ia junto a ela onde quer que fosse.

Foram vinte dias no hospital. Abriu e fechou os olhos muitas vezes. As costas ficaram feridas, as pernas adormeceram, os braços ficaram fracos, os cabelos engordurados e as unhas cresceram recurvadas. A vaidade que se espelhara, algum tempo atrás, no espelho, ficou nas dobras do tempo. O tempo passou lentamente. Sentar-se na cama, depois desse tempo, foi doloroso. Foi esforço sobre-humano. O pescoço reaprendeu a orientar a cabeça para os lados. As mãos, trêmulas, puderam pegar novamente o copo do suco, a xícara do café, a colher de sopa. Lentamente, os milhões iam ficando menos, iam sendo debelados pelo líquido que continha algo mais poderoso que eles. A visão melhorou, o raciocínio ficou mais rápido, as mãos ganharam força. Sua mãe não queria visitá-la porque tinha medo de ver a filha como sombra do viço juvenil que ela viu crescer. Seus filhos ficavam na sala de espera. O medo de vê-la beirava a covardia.

Do lado de dentro da porta, as enfermeiras ficaram amigas. Sentiram nela a vontade de vencer a guerra. Afeiçoaram-se à sua voz fraca e distante que contava a história de Napoleão e Josefina como se fosse de anteontem. Todas se vestiam de ilusão para que a conversa não parasse e para que Lea não sucumbisse à tristeza da recuperação que era boa, mas penosa e demorada.

Os dias se passaram. Ela se levantou. Todos

sorriram como se fossem os inventores de sua saúde. A volta para casa não foi radiante. Entrar no elevador carregando um botijão de oxigênio era uma situação de regozijo. Mas era preciso viver e viver não é só brincadeira, não. Voltou para a cama que parecia desfeita desde o dia que foi para o hospital. Era só impressão. Era só a lembrança da imagem que ficou na retina. Sentiu o macio da colcha de cetim. Passou a mão, que já obedecia aos seus movimentos, sentou-se do lado esquerdo da cama, como sempre costumava fazer, deitou-se com dois travesseiros e repassou, na tinta branca do teto, seu último mês, o mês que passou fora de casa. Que alívio! Foi melhor do que imaginara. Voltar foi o ato seguinte à luta começada desde o primeiro cigarro. Agora não se lembrava nem da cor da fumaça que, gostava de ver, subia em espiral sem deixar rastro.

Os dias voltaram ao normal, considerando que o normal era circular pela casa acompanhada pelo botijão ao qual estava atada, como parte siamesa, pelo longo tubo de vários metros que ia e vinha desviando-se das cadeiras, da mesa e do sofá. Sentar-se à mesa, pegar o baralho para jogar paciência tornou-se um passatempo que se repetia todos os dias. Sua mãe também rejuvenesceu. Durante a noite, jogavam buraco e davam ordens para a empregada que fazia tudo com má vontade disfarçada em sorriso brando. Só se vingava quando passava a mão suja na comida feita às pressas, temperada com muito alho, com constantes reclamações da mãe e da filha, mas ora, o que fazer? Era a única que suportava a casa durante doze horas por dia em troca do salário mínimo que vinha descontado de alguma coisa quebrada, por acidente ou por intenção. A

sopa ficava cada dia mais rala. Não dava para perceber porque a fome ia diminuindo e a vontade de reclamar ia junto. A paciência aumentava do mesmo jeito que a fraqueza chegava.

Do primeiro andar podia ver o movimento da rua. As crianças voltaram a correr pela calçada quando retornavam da escola. Os adultos gritavam para que elas não atravessassem a rua, não empurrassem umas às outras, não chutassem as plantas. Os carros desciam em velocidade perigosa porque, como era de mão única, o calçamento de paralelepípedo, em dias de chuva, tornava-se escorregadio. Sempre havia algum acidente a se lamentar. Nunca houve atropelamento, mas seu coração, quando estava espiando pela janela, bateu mais forte muitas vezes porque pressentia o que nunca aconteceu. O cotidiano, mesmo assim, era preenchido pelo inesperado que aparecia nas ruas. Além dos poucos conhecidos, muitos passavam por ali, com fisionomias diferentes e nunca mais voltavam. Onde estavam os primos que não apareciam para visitar? Eles apareceram, quase que de repente, depois de um telefonema entrecortado por gritos de alegria e de expectativa. A alegria era tanta que se materializou na carne dos primos que chegaram atrasados, já eram oito horas da noite, haviam prometido para as seis da tarde, mas sabe, o trânsito, esse inimigo da pontualidade, a falta de navegador no carro, a pergunta pelo nome da rua nos postos de gasolina, a tentativa de acertar a direção pelo que parecia ser o norte... quando a pizza chegou, muitas histórias haviam sido contadas. Além, claro, da paixão de Napoleão por Josefina.

Os amores não foram esquecidos. Além dos seus,

dos outros, daqueles que cresciam, eram temas tratados como numa assembleia porque tinham começo, meio e fim, moral da história e preparação para o assunto seguinte. Entre os muitos assuntos, a história de Josefina era persistente na pauta das conversas. Os dias alegres em Paris, o adeus no aeroporto, subindo pela escada rolante deixando para trás os dias mais felizes da sua vida. Não foram poucos, lá ficaram noventa dias de muito aprendizado daquilo que, mesmo sendo vivido pela primeira vez, estava presente em sua vida sem, antes, nunca ter vivido. A saudade de um passado criado nas leituras em francês. Um dia passeando, dois ficando na casa dos primos que agora faziam a visita esperada, para organizar os papezinhos que iam sendo colados no álbum, comprado em uma papelaria escura de Saint-Mandé.

Naquele apartamento onde, num dia qualquer, foi feita uma feijoada para dois amigos franceses. Não havia tigela suficiente para o arroz, o feijão, a couve e as carnes. Era preciso correr para a cozinha, lavar a única tigela da casa, colocar outros ingredientes e correr para a sala para que os franceses admirassem a agilidade das cozinheiras, ela e a prima, na preparação dos diferentes ingredientes que se materializavam na sua frente. A caipirinha com vodka russa, limão siciliano e pouco açúcar estava uma delícia. A farofa foi improvisada, mas lembrava, distante, a farofa brasileira. O vinho regava o jantar e a quantidade de água consumida foi surpreendente. Aí é que se notou que a feijoada estava um pouco salgada, mas nada grave porque as conversas fluíram tão facilmente que pareciam ser amigos de longa data. Amigos vêm, amigos se fazem,

amigos ficam, amigos são como diamantes, eternos. No final, tirar os sapatos, sentar no sofá, abrir os braços, dar as risadas confirmando a sensação de bem estar, de prazer por ter vivido aquela noite foi apenas o que deveria ser. Uma tosse leve lembrou o primeiro cigarro. Essa noite foi há quinze anos.

Voltou a tossir. Tossia o sorriso, a voz fraca e a memória falada. Foi ficando com a pele amarelada. Não se sentia fraca nem desanimada mais do que de costume. Nos cantos dos olhos apareceram pequenas manchas vermelhas como veias que se coloriam de tinta envelhecida. Um pouco de dor foi o primeiro sinal. Depois, a tosse mais frequente, com aquela vontade de expelir os brônquios junto com tudo o que estava nos pulmões. A impressão é que eles tinham voltado. E era verdade. Eles voltaram, mas agora com outro nome. Os médicos chamaram de pneumonia para acalmá-la. Foi num tempo em que apareceu, no Brasil, um vírus que, diziam, veio da China e começou a dividir o país, politicamente, em partes de ódio. A segunda grande guerra acabava de começar. A volta para o hospital não alarmou a família nem a vizinhança.

Era apenas mais uma observação de rotina. As enfermeiras a receberam como conhecido membro da família. A filha pródiga à casa voltava. O tratamento foi mais esmerado. Os cuidados foram mais zelosos. A intimidade do quarto, a assepsia do banheiro, a camisola com abertura nas costas, tudo era familiar. Tudo o que era visível, era familiar. O que não se podia ver, no entanto, era o exército que, silenciosamente, ia se reproduzindo em seu pulmão. O nome dado pelos médicos era apenas o significante do que ocorria. O

significado só ela conhecia porque sentia as pontadas no peito, o ar diminuindo, mesmo vindo do tubo flexível e longo, o soro que repunha as forças pouco a pouco perdia sua eficácia.

No meio da noite, um grito agudo anunciou o início do fim da batalha. A escuridão foi imediata. Onde estão os outros? Cadê minha mãe? Por que o silêncio domina a minha voz? Quanta gente está lá fora? As enfermeiras estão de branco? A urina está presa, não sai, tende a queimar o que antes dava prazer. Lea ficou sensível ao barulho. Qualquer ruído fazia ela suar, gemer e chutar o ar com os pés movidos pelas pernas fracas em brasa, quando tocavam o lençol. Parecia que o lençol de algodão era a cama do faquir, pontas agudas cutucavam as panturrilhas, as coxas e as costas. As agulhadas acabavam quando a sensação de levitação causada pelo devaneio do desmaio tomava conta do corpo e da alma. Não era mais possível ver as companheiras de trabalho, aquelas que cuidavam dela diuturnamente sem se cansar. As vozes estavam tão longe... sentia o soro carregado de antibiótico entrar nas veias, correr em direção ao pulmão, entrar em combate com os milhões que ainda lá estavam.

Não sentia nada nas mãos ou nos pés, não tinha dor de cabeça, mas o torpor surdo nas entranhas era suportado pela vontade de continuar olhando o álbum uma vez por ano. Pelo menos uma vez por ano.

O álbum caiu no chão. Sua mãe foi buscar para que ela o visse mais uma vez. Caiu sobre o tubo por onde passava o soro. Por um momento, faltou alimento nas veias, faltou fôlego e passou o sentimento de impotência que já tinha ido embora. O álbum foi

rapidamente catado, limpo das bactérias que podiam infestar o chão do hospital, fechado e colocado em seu colo. Deitada, passou a mão por ele e sentiu a mesma textura que conhecia por contato direto com aquele papel muitas e muitas vezes. A sensação foi de alívio e, por uns momentos, sentiu-se levar pelo ar, sem contato com nada nem com a visão de qualquer pessoa. As nuvens rodeavam seus cabelos, ralos, ainda pintados de um amarelo descorado porque eram brancos por baixo. Um sussurro levou esperança aos que estavam perto: ela está feliz, vejam só, ela sorriu, ela está feliz, está vindo para nós, vejam, suas mãos se abrem e se fecham sobre o álbum, ela tateia como se lesse a capa pelo código morse, ela tem um sorriso mais largo mas, olhem, uma lágrima desce pelo canto de seu olho esquerdo. Não é tristeza, é a emoção que a faz rejuvenescer, voltar no tempo e mostrar, para nós, que viver as lembranças vale a pena.

Mesmo assim, aos poucos, os movimentos foram parando. O olhar, antes no vazio, ficou por trás das pálpebras. Os olhos se fecharam, mas o sorriso ficou estampado em seu rosto pálido, descolorido pela luz branca da lâmpada fluorescente. Ela se foi. Não conseguiu ficar de pé e contar o amor de Napoleão e Josefina para seus netos, que ficaram alheios aos sonhos da juventude da avó. Eles não estavam ali, mas faziam parte de sua vida. Ela não se foi sozinha. Levou, consigo, milhões de seres minúsculos que teimaram em minar suas forças. Foram todos. Ficou apenas um. Aquele que acabou de contar a história.

A cabine 36

Emilly Sanchez Barros

Estou sentada na grama sintética, olhando o céu de tom alaranjado, dentro da minha cabine de vidro. Apoio a cabeça em uma das paredes, tentando sentir a presença das outras pessoas, vizinhas diretas ou não da minha carinhosa jaula.

As cabines foram projetadas para tentar retratar o máximo possível de um pequeno apartamento, com quarto, banheiro, cozinha, sala e uma lavanderia, além da área externa na frente similar a uma varanda, porém toda fechada por paredes de vidro, onde estou agora. O lugar tem exatamente três janelas, localizadas respectivamente no banheiro, cozinha e a maior na lavanderia, porém temos horários pré-estabelecidos para poder abri-las.

Agora já são 21h e, como ninguém apareceu nas janelas, decido entrar e ir comer alguma coisa, deixando a luz da varanda acesa. Durante a noite, os postes das ruas ficam iluminando, mas mesmo assim os moradores criaram um pacto de silêncio de deixar a sua luz da varanda ligada, para sinalizar que estamos uns com os outros e não nos sentirmos sozinhos. Após dois dias monótonos, acordo animada com a perspectiva de finalmente poder sair, já que hoje é o meu dia das compras. As atividades físicas ao ar livre são permitidas alternando os dias, mas é muito rigoroso e sem graça em comparação ao dia das compras. Para sair, preciso colocar o colete que tem minha identificação, F036, e uma máscara, além de levar a própria cesta para colocar os itens do mercado. Mesmo sendo tão burocrático e limitado, a sensação de sair é impagável, já que sentir o verdadeiro ar livre, umidade e raios solares na pele é incrível.

Soa muito estranho, mas poder estar na presen-

ça de outras pessoas ao meu redor é reconfortante, mesmo sem poder tocá-las de fato.

Nós andamos pela imensa rua, olhando para todas as casas idênticas, e em algumas varandas há pessoas sentadas, nos vendo passar com uma expressão melancólica.

Quando finalmente chego e consigo entrar, o local está repleto de seguranças para garantir que vamos respeitar a distância mínima e evitar tumultos. Enquanto pego maçãs em uma das bancas, percebo que do outro lado uma pessoa está me encarando. É uma moça, identificada como F020, que possui uma mecha azul no cabelo. Mesmo devolvendo o olhar, ela não para de me encarar. Durante o trajeto da volta, detecto que perto de mim está a garota novamente, e, quando estamos chegando perto da cabine 20, ela sai da fila e se direciona para sua moradia, lançando antes um último olhar para mim.

Não vou negar, aquela moça me deixou intrigada demais, e é por isso que estou agora sentada na grama falsa da varanda novamente, torcendo para ela passar por aqui no horário dos exercícios ao ar livre. Conforme o tempo passa, a realidade começa a dominar minha mente e me fazer perceber que tudo isso não passa de uma bobeira, uma ilusão. Quando estou quase me levantando e entrando em casa, alguém na rua diminui a velocidade e se aproxima do meu vidro. É ela. Tudo o que faz é tocar de leve no vidro, e rapidamente se afasta novamente para evitar problemas. Parece loucura, mas eu realmente senti aquele toque, quase como se tivesse sido em mim. Esse simples ato acabou comigo.

Quando chegou a noite, estava sentada na cama vagueando o olhar pelo quarto, tentando me lembrar

de como eram os barulhos da cidade. Som de carros, motos, músicas no alto-falante, risadas. Subitamente, deito na cama e começo a me sentir sufocada, com várias mãos apertando meu pescoço. Meu campo de visão fica coberto por rostos, todos mascarados e com olhares ferozes.

Quando encaro o primeiro rosto na extrema direita, uma memória invade minha mente: o dia em que viajei a primeira vez para uma cidade grande. Lembro que fiquei abismada com o tanto de pessoas, carros e ônibus circulando, além de que a rotina e modos deles eram bem diferentes do que estava acostumada. No seguinte, revivo todos os encontros de família e juro que consigo sentir o cheiro da comida sendo feita, de todas as vozes e risadas juntas. Todos tocando as mesmas coisas e ficando extremamente perto uns dos outros, sem medo algum, e acabo sorrindo com isso. No conseqüente, sinto intensa e vividamente o último abraço que dei na minha vó e começo a chorar.

A visão vai escurecendo, e a última face que vejo me leva a lembrança do último “dia normal”. Lembro-me de cada mínimo detalhe daquele dia, todos os rostos sem máscara, os sons animados. O último dia em que vivemos normalmente, sem qualquer preocupação ou noção do que estava por vir.

Depois de 5 minutos no completo escuro, abro os olhos e percebo que ainda estou no quarto, chorando inconsolavelmente e sem nenhuma mão no meu pescoço, a não ser a minha.

Se durante todo o mês você se “comportar” corretamente e seus exames estiverem excelentes, no primeiro domingo do próximo mês você recebe autorização para ir à casa de outra pessoa saudável e passar o dia todo lá. Desde que comecei a morar aqui, nin-

guém nunca veio, e eu também não fui a nenhuma outra casa. Enquanto estou lendo uma nova revista que os entregadores deixaram na caixa do correio, escuto a campainha da casa tocar.

Minhas mãos começam a tremer e meu coração palpita. Aproximo-me lentamente da porta, como se ela pudesse me morder a qualquer sinal em falso que eu der.

Quando abro a porta, olho para fora e vejo o guarda que abriu a minha cabine de vidro montando vigília na rua. Dentro da varanda, em minha grama, vejo a moça da mecha azul. Ela sorri para mim, sem máscara, e eu congelo, tentando digerir a informação.

Então, simplesmente ela vem em minha direção e me abraça...”

- Desculpe, mas a senhora não pode ficar fora de casa
- Diz um policial, tirando a escritora de sua imersão e devaneios em relação a sua história.
- Sinto muito senhor, já estou indo embora.
- Ela responde, enquanto recolhe todas as suas coisas espalhadas pela mesinha da praça.

Enquanto volta para casa pelas ruas completamente vazias, a escritora percebe que sua realidade não está assim tão distante da do conto que escreveu anos atrás, afinal.

Uma garota no penhasco

Isabela Delli Colli Zocolaro

Há uma garota no penhasco, eu a observo da janela, ela está lá, em frente ao abismo, olhando para o mar movimentado embaixo dela. Paro minha leitura para observá-la, sei bem como ela se sente porque eu já estive exatamente ali; para qualquer um que olhasse ela seria apenas uma menina comum observando a paisagem, mas eu sei que é diferente, ela está lá parada, os pés perto demais do abismo, os braços abertos, sem medo que o vento a derrube, se perguntando se o mar seria mais acolhedor que a vida.

Daqui da minha casa não consigo ver seu rosto, ela está de perfil, sua roupa cinza contrasta com o céu azul de tempo aberto, mas aqui em cima da colina, em cima do penhasco, sempre venta, sempre, e ela está lá.

Ela dá um passo mais a frente e meu coração acelera, penso em sair correndo e ir encontrá-la, impedi-la de fazer o que eu sei que ela está pensando. Sei que com a minha idade não conseguirei chegar a tempo, já ando mancando há algum tempo, e minha bengala não serviria muito.

Olho para os lados pensando o que fazer para ajudá-la, e lembro exatamente de mim, naquela situação, lembro o que me salvou do convidativo barulho das ondas, da convidativa promessa do “nada”. Naquela época eu estava ali, pronta para dar o último passo, o medo fazendo meu coração acelerar quando ouvi um grito trazido pelo vento, “NÃO” ele dizia, eu

olhei para o lado e nada vi, mas aconteceu de novo, mais forte, mais profundo, e senti como se fosse minha própria cabeça implorando para que eu ficasse, para que não saltasse, dei um passo para trás assustada e desci correndo a colina, enquanto deixava na grama verde vestígios das minhas lágrimas salgadas.

Com essa lembrança na mente, vou até a janela, coloco a cabeça para fora e grito o “não“ mais forte que consigo. Ela parece ouvir, olha para os lados, ainda não consigo ver seu rosto, ela volta a olhar o mar. Eu grito novamente, o mais forte que posso, uso tudo que ainda sobrou do meu pulmão, da minha garganta, faço uma pequena oração, agora sei que o vento ajudou a levar o grito até ela. Eu a vejo parar, alerta ao ouvir de novo o som, a vejo limpar o rosto com as mãos, como se tivesse limpando uma lágrima, ela se vira e sai correndo colina abaixo.

Eu me assusto.

Assusto-me porque dessa vez eu vi seu rosto.

E ele é exatamente o rosto que eu costumava ver no espelho muito tempo atrás.

Vejo-a correndo, descendo, e sei exatamente o que vai acontecer em seguida. Ela vai descer chorando, mas decidida a continuar sua vida, decidida a abandonar seus medos, vai demorar um pouco para curar o vazio dentro dela, mas finalmente vai compreender melhor, vai começar a escrever romances, e todas as

pessoas vão gostar muito, vai conhecer um rapaz gentil, brilhante e sonhador, vai se casar com ele, e decidir morar no topo da colina, para olhar o mar lembrando-se do dia em que alguém a salvou.

Ela vai descobrir que não pode ter filho e vai sofrer muito, mas com o dinheiro que ganha de seus livros construirá uma biblioteca para o pequeno vilarejo embaixo da colina, e vai fazer muitas crianças felizes, com livros, histórias, e imaginações.

Ela vai envelhecer naquela casa, e ela e seu marido serão muito felizes, ela nunca mais terá vontade de pular do precipício, nem quando as coisas ficarem difíceis, nem quando seu marido morrer.

E quando ela estiver vivendo ali isolada na casinha em cima do morro, lendo seu livro preferido, aproveitando o vento com cheiro de eucalipto, ela olhará pela janela e verá a si mesma novamente, verá sua imagem de menina de 60 anos atrás, em frente ao penhasco, como se magia ou viagem no tempo fossem possíveis, duvidará no começo, mas entenderá uma coisa muito importante.

Quando ficamos um pouco sozinhos, quando nos damos um período para nos conhecer, nos entender, um período de silêncio, de nossa própria companhia, e sem o que fazer parece que o tempo para, ele dá uma trégua, e começa a andar para trás, e nos dá a brilhante oportunidade de salvarmos a nós mesmos.

Aquele homem quer sair

Luiz Rogério Romero

Aquele homem quer sair

Ele quer sair. Quer vagar. Apenas andar por aí. Como sempre fez. Como sempre pensou que fez. Mas agora, ele não pode. Está seguro, isolado em muitas quarentenas. Divertiu-se. É fato. Brincou, curtiu a vida. Mas, agora ele quer sair.

Ele tem vontade de outra rotina. Quer padarias e bistrôs, passar por caminhos bobos e voos internacionais. Mas não vai a lugar algum. Não pode ir. Não querem que ele vá. Então, preso ao isolamento, comandos e morais, ele fica ali, às vezes sentado, ou deitado na cama ou no chão. Tanto faz. Acorda, come, labuta, se mexe, em dezenas de metros quadrados replicantes.

Tem janelas. Olha e imagina o que queria e sonhava. E não pode mais. Nem mais, nem menos. Sua quarentena parece infinita, e por mais que se esforce, os outros e outras não estão nem aí. Ele se lembra de tempos atrás. Julga agora, tempos perdidos, que poderia ter vivido! E não viveu. Se perdeu. E se encontra agora sozinho sob o gesso de seu teto.

Ele fecha os olhos. Então, consegue ver a multidão, diferentes rostos e olhos. Ouve diversos sons, conhecidos e outros não. Sem se mexer, olha o mar, sente a areia entre os dedos, a brisa que empurra seu corpo de braços abertos. Ao inclinar a cabeça para trás, percebe uma luz no céu, o calor do sol que contorna e aquece a sua pele.

Respira fundo, agradece, e gira no ritmo das ondas que tocam as suas pernas e molha a sua bermuda.

Respira fundo e mergulha. Para longe da costa. Nada. Se refresca. Flutua como uma folha de plátano. Lentamente, se entrega ao prazer, sem parar. Não precisa de chão. Pensa no que quer fazer depois, e depois, e depois. Imagina os sabores, os aromas e os amores a esbarrar, simplesmente, ao acaso, encontrar, quase sem querer. Viver o momento, sem passado ou futuro, apenas inteiro em cada presente.

Entre pensamentos livres que vem e vão, procura a praia. Não há nada, por todos os lados possíveis, não encontra mais nada. Somente uma linha distante que parece dividir céu e água. Aquela imponente luz do sol agora lembra uma lamparina, com pouco querosene. Não alcança areia para pisar. A brisa cresceu, se formou em forte vento que trouxe o frio, assim como o frio do oceano sem cor na escuridão. O som das ondas lhe assusta. A respiração fica rasa. Se vê em incertezas, medos e dúvidas.

Mergulha de novo, na esperança de tudo mudar na sua volta à superfície. Não adianta. A cada mergulho, mais frio, mais noite e angústia, em multiplicação. Tenta apenas flutuar novamente. Se deita e fixa as estrelas no céu. Encontra a lua nova. Parece brilhar, iluminar algum

caminho. Então se distrai. Seu corpo acompanha os movimentos do mar. Ignora as ondas, o frio e pensamentos a rodar. Espera. Espera mais. Agora esperar é sua maior pretensão.

Ouve algo. Algo diferente. Parece um ruído, mecânico e ritmado como um metrônomo. Tenta olhar em direção ao som. No reflexo da luz da lua nova, avista o que seria um pequeno barco, distante e lentamente a cruzar. Não sabe se a embarcação se aproxima ou se afasta. Decide interromper a eterna espera, e nada. Braçadas cada vez mais intensas. Sente vontade de gritar. Estou aqui! Me ajude! Mas não grita. Apenas nada em silêncio, com muitas expectativas carregadas nas costas, nos bolsos molhados e no coração.

Mas não consegue alcançar. O barulho metálico do metrônomo desapareceu. Não há mais nada lá. Nada que queira ter, sentir ou suportar. Exausto, se entrega. Se larga em um longo decúbito ventral a olhar para o fundo do mar. Se lembra da areia da praia, brisa e multidão. Pensa em todos os aromas, sabores e amores que imaginava encontrar um dia. Agora não sente medo. O frio da água não incomoda mais. Não sente mais forças ou razões para virar e respirar. Apenas espera, sem olhar mais para o fundo. Sua última sensação é de que não está mais sozinho.

Ouve, ao fundo, pássaros em bando. Eles circundam e se aproximam. Fazem rasantes aos montes, próximos de um pequeno barco pescador. Barco este que passou a noite toda ali perto, pescando, quieto em oração à lemanjá. O sol no horizonte desponta, como uma linda meia laranja madura. Então, reúne o resto de suas energias e nada algumas braçadas até o barco. Enquanto nada, se indaga. Se eu tivesse nadado um pouco mais? Somente um pouco mais. Se tivesse insistido? Me dedicado por inteiro, de corpo e alma. Se tivesse gritado. Aaah!

Acolhido entre pescados e pescadores, navega alimentado e aquecido em direção à praia. Assiste ao nascer do sol, por completo, e se inunda de gratidão. Ao ver a praia de perto, percebe mais bela, mais desejada. Despede-se dos heróis marinheiros e desce da embarcação. Ao colocar os pés em terra firme, não sente mais a água, nem a areia. Sente seus pés em um sapato.

Algo conhecido, familiar. Sente suas mãos apoiadas em uma base de madeira sólida, horizontal, que se movimenta. Lentamente, abre, fecha. Sente uma brisa. Mas está diferente daquela que outrora sentiu. Um cheiro se aproxima de suas vias respiratórias e lembra, sutilmente, a fumaça de trânsito, ônibus, carros e caminhões. Se segura firme na janela de sua casa e abre os olhos. Tudo está ali. Quarto, cama, sala, TV, cozinha

e quintal. Com lentos movimentos, busca algum relógio, alguma marcação de tempo.

Ele percebe que esteve sempre ali. Saiu, sem sair. Agora anda devagar pela casa. Tenta entender o que aconteceu. Não consegue. Não, completamente. Mas se sente bem agora. Sente alegria de estar onde está, por estar de volta, sem nunca ter saído. Encontra beleza no céu de seu quintal, ao pisar na terra de seu jardim, ao molhar a boca e lavar o rosto na torneira da pia do banheiro. Se aproxima da fruteira no alegre desafio de adivinhar pelo cheiro quais frutas e guloseimas ainda descansam até a degustação. Respira. Respira outra vez. Respira fundo, lentamente. Várias vezes, sem pressa. Se sente confortável. Aprecia os contornos daquele local, cada parte, cada metro de cada cômodo, aos 23o Celsius proporcionados pelo ar-condicionado. Contento, então, se contenta, e, hoje, esse homem não quer mais sair.

O pesadelo do menino em tempos de pandemia

Zelina Cardoso Grund

Há algum tempo havia um menino muito esperto, que tudo sabia. Ele era conhecido e admirado na escola como o “sabe tudo”. Os pais dos seus coleguinhos diziam aos filhos: “sigam o exemplo do seu amigo, que só tem notas boas”. No entanto, a mãe, “tadinha dela”, ficava no maior dos apuros com o filho, quando esse resolvia fazer alguma coisa estranha, pois era muito voluntarioso.

Certo dia, ele levantou-se de madrugada e saiu sorrateiramente. Antes deixou um bilhete para sua mãe. No bilhete estava escrito: “Mamãe, saí cedo porque perdi o sono”.

Ainda escuro, ele não encontrou ninguém nas ruas. De repente, ouviu um ruído.

No silêncio da madrugada, tremendo de medo, perguntou:

— Quem é?

Nada, nenhum som. Novamente, perguntou:

— Quem está aí?

Silêncio...

O menino continuou a andar, quando outra vez ouviu o ruído. Ele parecia congelar. Virou-se para trás e viu o seu cãozinho que o seguia, desde a sua saída de casa. O menino chorou de alegria e emoção. Acariciou o animalzinho, dizendo baixinho: “Amigão, você me seguiu...”.

Passaram-se as horas e a angústia da mãe aumentava minuto a minuto. Muito aflita chamou a vizinhança para ajudar na procura pelo menino. Correram aqui, ali, acolá e nada. Aí a preocupação se generalizou no bairro.

Um vizinho muito atento comentou:

— Ele nunca fez isto antes. Isto é grave, ele deve estar em perigo.

Uma amiga da família interveio, acrescentando:

— Ele é um menino que nunca deu trabalho. Realmente é muito sério e preocupante. Vamos chamar a polícia para ajudar a procurá-lo.

A mãe deu um longo suspiro e falou: — Vamos esperar um pouco mais, talvez ele esteja com algum coleguinha, pois levou até o cachorrinho.

No final do dia, já ao escurecer, apareceu o menino, faminto, cabisbaixo e envergonhado. A mãe correu ao seu encontro com extrema alegria e perguntou: — Filho, por onde você andou? Que susto você me deu!

Ele respondeu de imediato:

— Mamãe, eu fui procurar o fantasma que tem me assustado nas últimas noites.

A mãe suspirou e disse:

— Filho, fantasma não existe.

O menino, cansado de tanto andar, replicou:

— Existe sim, mamãe. Eu sonhei com ele várias noites. Ele era gordo, olhos esbugalhados, a boca era tão grande que podia devorar muita gente de uma só vez. Eu contei aos meus amigos e eles disseram que ele está aqui em casa, em algum lugar, dia e noite.

A mãe, com carinho, ponderou:

— Isso foi só um pesadelo, filho!!!

Sem hesitar, ele afirmou:

— Tem, sim, mamãe. Tanto é verdade que ao ligar a televisão só se fala nele, mudo de canal e ele continua lá. Não importa o canal, sempre é a mesma coisa. Por causa dele eu não posso ir à escola, conversar com meus amigos, abraçar meus avós, jogar futebol. Tenho

dificuldade em fazer as lições...

A mãe, carinhosamente, argumentou:

— Filho, você está tendo as aulas online. Além disso, eu posso ajudá-lo nas suas lições.

Ele chorando disse:

— Eu sei, mamãe, mas eu quero a minha professora perto de mim, eu estou com saudade dela. Eu estou com saudade dos meus amigos. Outra coisa, mamãe, quando eu for dormir tenho certeza que ele vai aparecer novamente, querendo me devorar. Eu não aguento mais...

A mãe desalentada, mas resoluta, disse: — Filho, não é um monstro como se simbolizou no seu sonho. É o novo Corona vírus que causa a Covid-19, uma doença infecciosa respiratória grave, que se disseminou em todo planeta. Embora seja tão pequeno, tornando-se invisível aos nossos olhos, ele é muito perigoso e pode infectar muita gente, causando grandes sofrimentos e em alguns casos até a morte. Mas isso vai passar, como aconteceu com outras pandemias também causadas por vírus. Não tenha medo. Para proteger-se dele é preciso manter-se em isolamento, lavar as mãos constantemente com água e sabão, usar álcool em gel e máscara.

Ele mais calmo exclamou:

— Ah! Entendi, mamãe. Então é possível livrar-me dele, seguindo todos os seus conselhos?

A mãe afirmou:

— Sim, filho.

O menino sorrindo disse:

— Muito bom. Assim, não vou ter mais pesadelos com ele.

Os vizinhos, amigos da família e coleguinhas do menino,

que se encontravam na frente da casa, acenaram para ele com alegria, felizes, voltando para os seus lares. Mãe e filho deram uma gostosa gargalhada e entraram na casa.



CRÔNICA

Uma ida ao mercado

Amália Rebouças de Paiva e Oliveira

18h29, da janela avisto mais um pôr do sol a se despedir. É a noite chegando e com ela a sensação de que o tempo tem se perdido. Por trás da janela, tem brinquedo espalhado pela sala, tem louça que se acumula na pia, mas tem também muito amor e sensação de segurança. Lá fora o mundo é hostil, ir ao mercado transformou-se em maratona, mas infelizmente não temos treinamento para isso. A máscara cobre uma parte da face mas os olhos de fora denunciam: há medo e incerteza. Há uma vontade louca de enxergar um inimigo invisível, de combater o desconhecido. Cada produto que coloco na cesta deixa o coração um pouco mais aliviado, é que a cada prateleira estou mais próxima de voltar pra casa, e nossa casa se tornou o refúgio.

Se antes saíamos por aí para burlar a monotonia, hoje, nada nos dá mais conforto do que poder permanecer em casa ao lado de quem amamos. Pouco a pouco coloco as compras em cima do caixa, meus olhos esbarram com os da funcionária, Marlene gentilmente me deseja boa noite, mas transborda apreensão. Por um instante eu congelo, penso que estou ali agindo rapidamente para voltar para casa, mas ela está ali, para poder ter para onde ir depois. Ela está ali para alimentar os filhos, e pagar suas contas. Eu preciso voltar para casa. Mas e ela? Quando vai voltar? Engulo em seco, pego as sacolas e as disponho no carro. Ufa, respiro (um pouco) aliviada, agora só falta higienizá-las. De volta ao lar vou limpando cada embalagem com cuidado, pronto, tá limpo e guardado. Na lavanderia começo a me despir, colocando a roupa na máquina de lavar, entro em casa direto para o chuveiro. Me ensaboo como quem quer limpar cada poro. Já de pijama aproveito o silêncio para tomar um leite quente.

Pé por pé abro a porta do quarto dos meninos: meus filhos dormem tranquilamente. Olho no relógio: 20h24, fiz tudo em tempo recorde, e me pergunto: onde está Marlene agora?

A ditadura da produtividade

Beatriz Alves Umbelino

Navegando em redes sociais em tempos de isolamento social, me deparo com o seguinte comentário “se você não aprender algo de novo durante o período de quarentena, você não o aproveitou da maneira correta”, essa frase me fez pensar o modo de vida virtual e o modo de vida atual.

É comum observar inúmeros perfis nas redes sociais baseados na rotina pessoal dos usuários. Tais perfis, considerados como referência para muitas pessoas, trazem consigo a “vida perfeita”, na qual se consegue estudar, escrever artigos científicos, trabalhar, malhar, ter alimentação saudável, cuidar das tarefas domésticas, de filhos, de cachorro, gato e periquito, ter uma vida social badalada e ainda ter as ideais oito horas de sono por noite. Tudo isso mantendo a pose, com um incansável sorriso no rosto e um salto 15 nos pés. Afinal, quem neste mundo não consegue ser produtivo dessa maneira em apenas um dia?

Considerando a pandemia de Covid-19 que assola o mundo e as recomendações da OMS para os cuidados que devem ser tomados, era esperado que tal discurso mudasse um pouco o foco do ser produtivo, não é? Claro, algumas variáveis foram modificadas, visto que se trata de um momento de reclusão e prevenção, mas, com o passar dos dias, o discurso de produtivismo entrou em cena novamente, com um acréscimo: neste período houve um aumento do número de pessoas atuantes nas redes sociais.

E, com isso, eis a questão: se eu não for produtivo durante este período, eu não o estarei aproveitando de maneira correta? Se eu não aprender novos idiomas, estarei desperdiçando meu tempo? Se eu não praticar yoga, fazer aulas de relaxamento, malhar em casa, aproveitar para perder uns quilinhos, ter uma alimentação saudável, aprender/testar receitas novas, fazer aquela faxina no guarda-roupa, deixar a casa impecável todo santo dia, maratona séries e filmes, fazer cursos online grátis e fazer vídeo-chamada para a família e amigos, eu estarei jogando fora esse tempo em casa?

Ok, fazer uma pausa no ritmo acelerado que tínhamos anteriormente é assustador! Dá a sensação de vazio principalmente após dar uma olhada nas redes e ver como a vida perfeita de blogueirxs continua sendo perfeita e mais, e ainda mais, p-r-o-d-u-t-i-v-a! Acontece que a vida virtual faz com que as pessoas priorizem a beleza, o sucesso e o poder, distorcendo e cultuando uma ideia de perfeição que não existe.

Mas isso não invalida a forma como você resolveu passar este momento, seja tentando ser produtivo, seja aproveitando o momento para cuidar de si mesmo, se autodesenvolver, fazer somente o que tem vontade e o que se sente bem. A ditadura do ser produtivo continua inabalável, mas não precisa ser seguida, ela sequer é uma verdade absoluta. Seja você, no seu tempo!

Dia de missa ou daquelas coisas que as mães fazem

Edson Luis Rezende Junior

Acredito que num momento de pandemia estejamos mais propensos a observar pequenas coisas do dia a dia, aqueles pequenos afazeres automáticos que muitas vezes nem sequer percebemos que o realizamos como, por exemplo, pentear o cabelo.

Hoje me peguei no meu ritual matinal: acordar, ir ao banheiro, escovar os dentes e pentear o cabelo. Não sei por que hoje foi diferente, talvez tenha sido a percepção de que meu cabelo cresceu nos últimos dois meses, ou o de que aquele cabelinho em cima da orelha está todo despontado devido ao uso dos óculos (e agora com a máscara sobre tudo) e/ou tenha sido o fato de que ao repartir o cabelo lembrei-me de minha infância.

Explico-me melhor: quando era criança, aos domingos, fazíamos almoço em família com macarrão e frango assado. Uma típica reunião familiar tradicional! Nós, crianças, víamos um filme enquanto os homens esperavam para o futebol e as mulheres conversavam na cozinha. Posterior a essas ações quase que automáticas de domingo, não podíamos esquecer que era dia de missa, embora eu não gostasse de ir ou fosse mais pela pipoca.

A questão é que nos arrumávamos para uma ocasião especial e a maior preocupada era minha mãe. Bem-vindos à cultura machista, pois, se os filhos e o marido estão “mal-vestidos” ou com algum detalhe de

sua aparência fora do que é considerada satisfatória, a culpa é toda dela, a mulher desleixada, a que não cuida dos seus e que não se preocupa. Pior ainda se esta estiver minimamente arrumada! Aí é motivo de sobra para que a vizinhança comente.

Nunca soube se comentavam ou não, nunca ouvi ninguém falando assim, exceto minha mãe que todo domingo começava com a mesma ladainha. “Vá tomar banho! Deixei a roupa na cama, não demore, quando chegarmos lá nada de ficar conversando, use o banheiro agora porque não vai sair de perto de mim” e etc.

Quando eu me arrumava, passava até um perfume para agradá-la e ficava sentado no sofá para não amassar a roupa. Algo impossível de ocorrer com aquela camiseta por dentro da calça e os botões fechados até o pescoço num enforcamento consentido em nome da boa aparência.

Mas o que eu com meus oito anos não sabia fazer muito bem era pentear o cabelo. Eu gastava um tempo gigante nessa atividade e nunca ficava bom o suficiente. Acredito que minha mãe queria bom o suficiente para que ninguém comentasse. Eu passava gel, creme, o pente de um lado, do outro, usava as duas mãos e, quanto mais mexia, mais meu cabelo ficava arrebitado.

Nessa idade, faltava-me a destreza de minha mãe que com dois movimentos ligeiros de pulso arrumava o meu cabelo e ainda dava uma batidinha com

a palma da mão por cima para assentar melhor. E eu saía assim, sem saber o papelão que pagava, com um cabelo intocável, todo no lugar e bem fixo com gel.

Por que digo tudo isso? É que hoje eu nem sempre me lembro de pentear o cabelo, é uma passada de mão e ele já está ótimo para mim, muito menos vou à missa (confesso que sinto falta dessa reunião em família e da pipoca). Mas, no fundo, o que eu gostava era da tranquilidade que ir à missa me trazia, pois era como se o padre tivesse algum poder mágico que impedisse meus pais de brigarem e tudo que fosse dito ou feito seria motivo para comparar com as palavras do sacerdote.

Infelizmente isso só durava a noite de domingo, segunda-feira não contava como dia de missa e sim como dia de escola e trabalho. Era dia em que se rezava outra ladainha em casa, do uniforme errado, de se atrasar, de tomar café etc. E hoje, sem pressa, sem muito que fazer, isolado em casa, me dei ao trabalho de demorar um pouco mais em frente ao espelho.

Já não demoro tanto como antes, mas confesso que reparti meu cabelo exatamente como minha mãe fazia, com gel fixador e aquela batidinha final para assentar. Ri ao lembrar-me de tudo isso e de pensar que ando me esquecendo de coisas pequenas, ou fazendo-as tão rápido que nem paro para pensar. Hoje com o cabelo assim me deu até vontade de comer pipoca, saudades da missa ou de sair à rua?

A (minha) janela e os intransitivos

Edson Marcelo Oliveira Silva

Eu quero escrever assim.

Escrevo porque a palavra e as coisas implicam comigo e fazem uma espécie de convocação. Eu preciso, como num ato de afeto vivo, pura e simplesmente, escrever.

Moro neste terceiro e último andar num prédio de apartamento antigo, construído em um bairro simples, destinado a uma moradia popular. Existe aqui uma atmosfera que me envolve de ecos, ruídos, conversas, cochichos, risadas de crianças, sons de TV, rádio, cheiros de banho às 6 da tarde e janta sendo feita, e fumaças de cigarros e automóveis. Existo, isolado aqui, nesse movimento de um viver cotidiano.

Suspiro fundo e deposito-me aqui. E estou assim mesmo: vestindo a nudez.

Bom, me encontro pelado para alguns, mas completamente à vontade com as palavras e as coisas. Sinto-me honesto com o meu quarto e a minha janela que me sobressai com tantos verbos e me faz ser e estar além de mim mesmo.

Olho pela janela e transbordo, pois não há criatura que passe por debaixo dela e eu não me sinta afetado. Enxergo um horizonte com nuvens brancas e pesadas no alto de um céu azul ensolarado. As nuvens parecem que têm cheiro e gosto de algodão doce, pregadas por alguém com muito cuidado em cima da nossa cabeça. O céu é tão bonito. Deveríamos olhá-lo mais vezes ao invés de nos distrairmos com mesquinhas.

Num gesto furtivo, digo adeus a essa paisagem que me envolve e abraça, e sinto um mundo em completa descomunhão. Então, provisoriamente, estou assim: vazio de mim e tão cheio de tudo.

Descubro alguns respirando dor e dormindo num espaço de adeus. Sou ainda bombardeado pelas notícias de gente lutando para viver e outras pessoas enfrentando o próprio morrer. Não obstante, reconheço tantos que não conseguem escutar a negação dessa realidade inserida numa pandemia mundial que está presa nos efeitos do novo coronavírus.

Ora, é assim mesmo. Nós, sujeitos nomeados humanos, negamos aquilo que tememos. Construimos essa condição primária de um certo psiquismo que se estrutura numa sociedade que passa por debaixo de minha janela. Aqui acontece um desfile de carros velozes, motos barulhentas, bicicletas pedalando e gente que anda a pé, circulando como se nada acontecesse. A ilusão é ela mesma em sua máxima. Não manda recado e se instaura.

Ainda que isso se materialize, eu acredito que o isolamento social é discutível. Estou aqui, plenamente só e tão acompanhado pela linguagem que me habita, refazendo as nascentes que sequei de tanto chorar por tentar elaborar essa triste realidade social compartilhada e virulenta. Já o vírus sequer chora. Ele ao menos sabe sobre gente, mas ele age como ninguém para matar muita gente. Além disso, ele não está preocupado com nada, pois cumpre o seu destino em ser um vírus letal. Eu acho que esse negócio de ser é tão literal, por isso dói.

E, nessa pandemia, ele nos invade com a denúncia de todo tipo de certeza frágil sobre os nossos todos e nossos mundos que outrora colecionamos como se fossem moedas antigas e preciosas.

Constato para a minha infelicidade gritada que ainda há pessoas que desejam sustentar, a qualquer custo, a vida que tinham e todo o simbólico que organizou certo caos da vida até aqui. Não se importam em pagar um preço alto por não se isolarem.

Esse vírus consegue ainda estampar a cretinice e uma canalhice de grupos de gente má e cruel. Essa gente que tem sede de ganância e poder. Certa gente esquisita que trata com descaso a saúde brasileira, pública e gratuita. Um vírus que também pode matar a nossa vontade de viver e se fortalecer como um gigante quando consegue fazer a mutação na figura de uma presidência perversa de um país como o Brasil. Aquele Brasil brasileiro que eu alcanço pela abertura da alma que repousa organicamente em meu espírito, pele e tecidos.

Aproximo-me de tudo isso e sinto o peso dos excessos de certos humanos.

Eu continuo aqui, escrevendo, sentindo e pensando.

E, então, olho uma estrela que nasceu aqui neste céu que se retirou, e capto que ser humano numa pandemia é uma espécie de resposta exagerada ao que nos foi imposto. Estamos temerosos em perder as nossas bases construídas, as nossas relações, o nosso breve saber so-

bre as coisas, a nossa imagem, a nossa rotina de vida, a nossa pequena loucura, os nossos afetos, a nossa cultura, e o nosso corpo.

Permito-me, assim, brincar de ser uma estrela aqui neste céu estrelado de minha janela que se anuncia e percebo em minhas vísceras que estou vivo no meio de tanta gente. E viver a mim é tão urgente... Eu sinto um coração saltar em minha boca que precisa falar. Sou este alguém que sente, respira e deseja viver sem uma pandemia mundial que urge o isolamento social para ruir.

Brincando de ser uma estrela dançante, eu consigo sonhar e ser casa e morada de esperança dentro do meu próprio lar. Sinto aqui, neste instante, um sono sublime. Vou deitar-me. Ainda sinto as palavras andando em mim.

Eu acho que, se somos mesmo feitos da matéria dos sonhos, por esta janela, eu vislumbro a beleza profunda de uma luta pela vida e escuto, nesta noite, um sonho de gente feliz que vai dormir comigo.

Eu vou sonhar com um Brasil que é indígena, com as cores verde e amarelo, plantado em solo amazônico e habitado por uma Terra que nos é cantada. Eu consigo ser tocado por cada luz acesa que olho nos andares vizinhos com esse cheiro de noite noturna e secreta que penetra todos os cômodos do meu quarto que, de tão pequeno e sem móveis, é íntimo para qualquer estranho.

Em minha janela, eu aprendi a sentir, enxergar e ser eu mesmo.

Para além da janela eu desejo a coletividade de um

sentimento fraterno que nos une e faz regar o nosso tempo de eternizar as palavras e as coisas. Isso que nos torna mais humanos diante do viver.

Depois que essa pandemia passar, um novo dia vai começar. E, assim, desejo acordar. Quem sabe, além da minha janela, para finalmente o toque de um abraço vivo nos acalantar e nos curar.

O abraço é esse gesto em que acontece uma metamorfose dos nossos lugares vivos onde a palavra não alcança e as coisas perduram.

Amanhã eu começo tudo de novo.

(Es)tanque

Fabiano Ferreira Martins

Em virtude do isolamento social que vivenciamos atualmente, uma das tarefas que ocupam meu cotidiano em cárcere domiciliar é a de zelar pelo conforto e segurança do Jubileu, a tartaruga de estimação de meu avô. Apesar de se tratar de uma grande responsabilidade, a missão é bastante simples. Pela manhã devo retirar o animal do tanque de lavar roupa onde ele passa suas noites tranquilas de sono, além de esvaziar e limpar seu habitat nada natural. Enquanto isso, o pequeno réptil anda livremente pela casa durante o dia todo. No final da tarde, com o tanque cheio novamente, despejo um pouco de ração na água para que ele possa retornar a seu leito aquático. Nada demais, certo? Todavia, essa tarefa tão simples me suscitou algum tipo de reflexão existencial.

Após encher o tanque com certa quantidade de água, apanhei o simpático bichinho para depositá-lo no local designado. Nesse momento, olhando-o despreziosamente, me ocorreu um sentimento de pena daquele pobre animal.

Segurando-o nas mãos, pensei: “Pobre Jubileu! Vai viver pra caralho, mas passará todo esse tempo enfiado neste tanque minúsculo. Viver tanto, pra quê?”

Obviamente o bichinho em nada tinha a ver com meu sentimento complacente, tanto porque essas caraminholas são coisas que só se passam nas cabeças perturbadas do “bicho homem”. Mas tal sentimento me conduziu a uma reflexão maior naquele momento.

Permanecendo ali por alguns minutos, observando seu nado delicado, me acenderam alguns questionamentos: “Será que somente as tartaruginhas de

estimação de idosos vivem presas em tanques minúsculos? Será que o ser humano não inventa e se aprisiona voluntariamente em seus próprios tanques existenciais? Será que eu sou como o Jubileu e minha vida é como esse tanque?”

Ora, caro leitor, receio que tal situação lhe pareça ridícula, mas insisto que pense um pouco comigo e considere minhas inquietações.

Veja bem... todos os dias nos dirigimos a lugares que não queríamos estar, para ficar com pessoas que mal conhecemos, com o intuito de desempenhar tarefas que não nos despertam o menor interesse. Isso é o que chamamos de trabalho. Nos vendemos em troca de um salário, que, muitas vezes, é bastante inferior ao que mereceríamos de fato. Usamos esse suado salário para comprar o que desejamos dentro de nosso alcance financeiro.

Eis aí um ciclo vicioso completamente irracional. Trabalhamos e compramos repetidamente até não possuímos mais forças para continuar fazendo-o. Desperdiçamos a maior parte de nossas vidas desejando o que não temos e desprezando o que já é nosso. E, assim, buscamos no acúmulo de bens materiais inúteis a “felicidade” (como se isso existisse).

Além disso, somos sempre os mesmos e repudiamos as mudanças. Preferimos a prazerosa e letárgica ilusão de segurança das mesmas escolhas. Nos aprisionamos voluntariamente em um cotidiano que nos afoga em afazeres amontoados. Nunca temos tempo para nada. Sempre estamos em dívida com tudo.

Não sei quanto a você, mas para mim isso é tão horrível quanto passar mais de um século nadando em círculos em um tanque de lavar roupas. Acho que nossas vidas não são tão diferentes da vida do Jubileu. Pelo menos não em essência.

No final das contas, parece-me que todos criamos nossos “tanques existenciais” com realidades claustrofóbicas que, de alguma forma, nos prendem em rotinas absurdas, ideologias falidas, crenças utópicas e preconceitos ignorantes. Alguns nadam em tanques tão profundos que, por serem incapazes de olhar por cima de sua borda, acabam achando que aquela parca porção d’água é o próprio oceano, sem sequer passar pelas suas cabeças que há um mundo imensamente maior a ser descoberto.

Talvez a vida humana, portanto, seja tão estanque quanto a de um quelônio caseiro qualquer. A diferença é que, infelizmente, somente nós, animais da espécie *Homo sapiens aflitus*, sabemos e sofremos com isso.

E o Jubileu? Ah! Ele passa bem! Não se preocupa com essas coisas. Nem sequer sabe do caos pelo qual a humanidade passa atualmente

Em março parou...

Luiz Rogério Romero

É fato. Em março parou. Todos em casa. O tal do “#fique em casa”. Tudo parou. Tudo parou? Não. Absolutamente não. Descobrimos um novo mundo. Um novo modo de viver. De ver. Pelas janelas vi a divisão. Dizendo, fica em casa! Ou, não fico não! Fica longe! Não põe a mão! Lave a mão... mas já não era pra lavar? Bom...

De longe, por uma janela, vejo sinais. Em meio ao nevoeiro, aparece o capitão dizendo...“vem prá rua. Não tem nada não...” Só parece capitão, cuidado! Melhor não ouvir. Ele não.

Chuvas de março batem nas janelas e me chamam, como sempre. Mas, dessa vez, somente até o quintal. Televisão ou trabalho. Sempre uma opção. Tudo caminha para a adaptação. Alguns fazem a lição. Outros - países, pessoas - não.

Falam dos jovens que ainda saem por aí. Dizem “os sem noção”. Não usavam nem máscaras nas partes baixas, e, agora, mantêm aglomeração. Vivem perto do risco. Sempre em busca de emoção.

Errado. Tudo errado! Você tem razão. Pois olhamos de janelas lindas, janelas limpas, aos 23 graus. Outros olham de buracos nos barracos, às vezes, com alguma ventilação. É, quem sou eu para julgar? Condenar? Sou apenas um olhar.

Me encontro parado na porta dos fundos, de casa a esperar. Esperar um normal que não mais existirá. E o que virá? Que virá, virá. Fique atento! Temos movimentos, muitos movimentos. Para algo novo, para

uma mudança! Ou para o que já ficou, há muito tempo, para trás. Desde “as Diretas”, não queremos mais.

Nas redes têm várias janelas para mim. Vejo alegrias e preocupações. Esperança e ódio descabido, parece sem fim. E terá fim? Pelo menos, por instantes, sim. “Alt F4”, outro foco, enfim.

Outro dia. E outro dia de quarentena. Um novo dia! Sim, e fila dos 600. E grupo dos 300. E mais de mil, hoje, sem um amanhã. Como se fosse normal. Fazem de tudo para parecer normal. Mas, que normal é esse? É o normal que eu não quero! Se tenta por dentro, e não querem. Mas de King’s a Floyd’s, eu tenho um sonho e ele quer respirar. Muito além do que já conseguimos, enquanto humanidade, até aqui chegar.

É quarentena. E continuo de janelas em janelas. Muitas vidas e “lives”. Somos nós, no alto da evolução. Polarização. Entre cloroquina e ciência. Informação. “Fake news”, não!

E isso é de hoje? Só hoje? Ah! Tá bom. Então, amigo, analisa. Abre o olho, a mente, então a mão, pulmão e o coração.

Calma, muita calma nessas janelas. Neste momento, não precisa encostar. Dizem, pelo menos, dois metros entre eles, elas e nós. Falando em janelas, lembrei das panelas. Algumas, cheias, até postadas, gourmet ou barulhentas. Outras continuam vazias. Vazias e silenciosas na quarentena.

E até quando? Até quando vai continuar sendo normal? É esse normal que você quer voltar? Eu já respondi, já respondemos! Não.

Ah! O futuro. No futuro vamos, sim, dar as mãos. Todos, todas, cada um com o seu pão e acompanhamentos. Pães e frutos, que cultivamos, colhemos, guardamos e repartimos em todo esse tempo de janelas e mais janelas e mais janelas.

Amor por um fio

Marli de Oliveira Geraldo



Da janela do escritório da minha casa observo três maritacas no fio da energia, por um tempo fico parada, apreciando esse breve instante de intimidade, estou a olhar as costas dos animaizinhos que se encontram juntinhos a se bicar. É o amor que acontece assim desavisado nos fios, nas calçadas, nas esquinas, nos atos de solidariedade, sem frequentar as avenidas. Eu vejo amor, porque sinto um afago por dentro, nessa pausa inesperada do meu dia.

São de uma cor verde bandeira que me leva a pensar no meu país. Oh, gigante desgovernado! Não é só o amor que vive por um fio, os brasileiros também vivem, milhões dependem de um auxílio emergencial de seiscentos reais para colocar amor/comida na mesa para sustentar seus entes amados, filhos, cônjuges,

mães, pais e agregados. O amor é uma coisa linda de se ver, nesses tempos de pandemia e em qualquer período da história de nossas vidas.

Em tempos como esses, aflora o melhor e o pior do ser humano. Eu vejo. São tantas notícias de gente que se dispõe a trabalhar em prol do outro realizando campanhas, colocando o seu trabalho para servir os mais necessitados. Algumas grandes empresas produzindo álcool gel visando ao não lucro, visando à proteção das pessoas, enquanto isso, têm alguns poderosos que se valem da situação para ganhar mais para si, desviando verbas que deveriam ir para a construção de hospitais de campanha, para equipamentos de proteção e vão para os seus bolsos. A corrupção se faz presente até na pandemia, são as faces humanas, o bem e o mal coexistindo!

Das janelas dos meus olhos, tento não apenas enxergar o que vejo, procuro ver para além das imagens que se desenham na minha frente, neste instante roubado da minha rotina. Saint-Exupéry em seu livro “O pequeno príncipe” escreveu que, Só se vê bem com os olhos do coração. Talvez seja isso. Agora o meu coração parou por uns segundos, quando mergulhei na cena dessas maritacas no fio, minha imaginação resgatou outros cenários...

De algumas notícias, nesses tempos, de gente que saiu de sua casa e foi fazer compras para os idosos, que não podiam sair de suas casas; de pessoas que realizaram mutirões para arrecadar alimentos para as famílias necessitadas; de senhoras velhinhas sozinhas, em casa, e que se propuseram a costurar máscaras para doação; de músicas sendo cantadas, nas sacadas

dos apartamentos, para alegrar os vizinhos; de artistas produzindo a sua arte em lives, pelo prazer de entreter; de médicos e enfermeiros morrendo em serviço; de entregadores arriscando a sorte.

É a senhora e a máquina, os cavalheiros das entregas, os benfeitores das cestas básicas, os anônimos nas sacadas, os artistas das lives, em casa, fazendo a diferença, nesse mundo. E os fora de casa, médicos, enfermeiros e entregadores salvaguardando o mundo!

Tudo isso, faz-me acreditar que o mundo tem amor, não por um fio apenas, mas por milhões de colaboradores. Muitos poetas, escritores, cantores tentaram definir o amor... De Camões a Lady Gaga... Amor, Amar! É, para mim, a força do amor, que move a felicidade no mundo, que faz girar a roda cíclica da vida, pois amar é partilhar e compartilhar, é replicar o bem feito sem olhar a quem e distribuir sorrisos, sentir a sede insaciável do outro, de ajudar e apoiar, não apenas encaixar-se no outro, sentar-se junto para tantas coisas, entre elas, observar o pôr do sol e, enquanto o sol se põe, deixar a luz que vai se apagando no horizonte ir se acendendo dentro da gente, clareando, esquentando, como nesse momento que vejo o trio no fio, aqueceu-me por dentro. Em um minuto estavam aqui, no outro se foram... uma brisa, um vento rasante os espantou... voaram! E eu? Voltei para as coisas práticas do meu dia atarefado, quem dera uma ventania varrer esse Covid-19 das nossas realidades distanciadas. Hoje, morreria por um abraço!

Foto tirada por mim da janela da minha casa e cena filmada pelo celular e pelos meus olhos.

Anverso (A Crônica do Vírus)

Marli de Oliveira Geraldo

Desde que surgiram os primeiros homens no planeta, juntamente com eles, surgiram os vírus e os vírus dominaram a Terra. Os homens viviam à margem da vida espreitando-os. Os vírus andavam livres e dizimando os seres humanos, não havia outra história, era a seleção natural.

Os homens privados de interação viviam em suas cavernas, matutando o tempo, inventando objetos e tentando encontrar uma solução para vencer o vírus. Passaram-se séculos até que uma legião de homens como Aristóteles, Arquimedes, Tales de Mileto, Leucipo e Demócrito nasceram. Iniciou-se a odisséia do conhecimento. Reuniram-se com os outros, fizeram experimentos, testaram ervas, observaram a natureza, descobriram coisas pela indagação. Mantiveram a distância um dos outros de um metro e meio, não aprenderam abraçar e nem beijar. O tempo passava inexorável, e os homens eram só homens que sobreviviam, e lutavam contra os vírus, noite e dia sozinhos e marcados para viverem segregados. E arriscando-se, procuraram-se e procriaram. E deu-se uma explosão populacional no planeta. O vírus matava muitos, mas o homem gerava muitos. Assim foi a trajetória da humanidade.

O homem fez algumas descobertas e aniquilou uns tipos de vírus, a vida foi saindo da caverna. Por conta da vida que levavam, a internet, rede de conexões, estava ainda por ser descoberta. Chegou o tempo dos encontros, reuniões com mais pessoas, entretanto, os homens continuavam distantes uns dos

outros, não sabiam amar, só sabiam lutar e superar as adversidades.

Em 2025, os homens se livraram dos vírus mais letais, e a vida, de repente, transformou-se, a maioria dos homens resistiu, queriam permanecer confinados. Havia seres humanos que se inundavam do vazio existencial, não sabiam ser nada sem o vírus. O vírus era parte deles, sempre estivera presente, no tempo presente dos homens. E agora, sem o vírus? Foi uma loucura exercer o ir e vir, fazer rodinhas nos supermercados para conversar, podiam reunir-se com liberdade e podiam dividir os mesmos espaços diminuindo as distâncias, um sonho!

A organização, em instituições, para o ensino e outros fins foram liberadas. As escolas puderam reunir as crianças em bandos felizes e criativos, alguns gênios surgiram. A caixa de Pandora foi reaberta. Tamanha era a liberdade que alguns homens sentiram-se no direito de apropriar-se do que não lhes pertencia, alguns começaram a tirar a vida de outros, antes não havia tempo, porque todo o tempo era de combate ao vírus, sem vírus, os homens combatiam-se entre si. Tiveram que surgir confinamentos alternativos, prisões se alastraram.

Os homens puderam viajar, aprimoraram-se construindo pontes, criaram carros potentes, aviões, navios modernos, puderam explorar o mundo sem fronteiras, tiveram contato com outros humanos que comiam diferente, vestiam-se de outro modo e dominaram a Terra. Como a raça humana viveu um

longo período confinada, os índices de poluição eram mínimos. A natureza fora esplendidamente cuidada.

Enfim, os homens descobriram o abraço, chegar-se perto do outro, abrir os braços e apertar-se mutuamente, a sensação de pertencimento, escolha e aconchego que esquentava. Aprenderam a beijar. Começaram a dominar outras linguagens e outras línguas. O entendimento foi ficando maior entre a humanidade, o que culminou com divergências de todas as ordens, políticas, sociais, religiosas e governamentais.

Não havia mais fronteiras para os homens. Inventaram e ainda inventam governos que não conseguem gerir.

E se tornaram sociáveis e civilizados, mas não a ponto de evitarem as guerras, a fome, a desigualdade e a exploração desenfreada dos recursos naturais. Antes, em confinamento viveram com o essencial, nesse novo tempo presente as necessidades são ilimitadas, as diferenças vão distanciando os homens, e, como nunca imaginaram que pudessem ser tão livres, seguem arrumando um modo de escravizarem os seus desejos, o poder dentro dos homens. Quem pode, luta!

A Terra parou

Paulo Roberto Brancatti

Um dia a Terra parou! E, nela, não se conseguia ver praticamente nada. Foi assim que Raul Seixas profetizou e eternizou em sua música cantada desde a década de 70 quando o Brasil ainda vivia sob a égide do regime militar. Naquele período sombrio, posso dizer que a Terra também parou porque muitos cidadãos foram perseguidos, presos, torturados, expulsos e mortos pela ditadura.

Sim, hoje, a Terra também parou para vermos os enterros seguidamente acontecendo no Brasil, além dos e os sofismas dos políticos, sem que as pessoas saibam explicar o que está acontecendo. Assim, nessa Terra que parou vamos crendo que um dia ela, possivelmente, voltará ao normal.

Olho para as ruas, as praças, os parques e os bares, e todos estão vazios! Busco uma resposta, mas não a encontro e não posso esperar de quem está ao meu lado que chegue para satisfazer o meu prazer.

A Terra parou! E muitos não perceberam que o mundo procura respostas em tudo o que está acontecendo, mas não conseguem, porque os locais estão fechados e não há onde comprar subsídios para preencher o vazio da vida.

Raul dizia que dona de casa não saiu para comprar pão, porque o padeiro não saiu para trabalhar;

que a policia não saiu para prender, porque o ladrão não saiu para roubar; e nas igrejas nem o sino a badalar, pois o padre também não estava lá e nem tinha fiéis para rezar.

A Terra parou! E, com ela, parou o trabalho, a escola, a diversão, os encontros, os abraços, os amores e a vontade de lutar por um sonho melhor. Pararam as festas, os ensaios, os teatros, os shows, os jogos, os espetáculos e os casais de namorados sumiram das ruas e dos bares.

O mundo não é mais o mesmo! As pessoas não serão mais as mesmas! Os relacionamentos serão comprometidos e as amizades ficarão sem sentidos! A essas coisas os profetas de plantão chegam com fórmulas e modelos de ideais para a vida pós-pandemia, mas ainda não perceberam que a Terra parou...

Raul Seixas termina sua melodia, dizendo que o aluno não saiu para estudar, pois sabia que o professor também não estava lá. E o professor não saiu para lecionar, pois sabia que não tinha mais nada que ensinar...

Será que depois que a Terra parou e no mundo não encontramos respostas, faremos como esse verso da música, ou seja, não teremos mais nada a aprender e mais nada a ensinar?

E o sonho, bem parecido com o que aconteceu de verdade conforme Raul cantou, está acontecendo

através dessa pandemia em que o mundo e o Brasil vivem um momento em que as pessoas ficam em casa sem saber o que pensar, o que fazer e sem forças para agir...

Tempos de explodir

Tatiane Superti

Não dá pra ver da janela o que vai ser da gente. O alto dos passarinhos que ainda existem parece apontar para um destino menos odioso. Mas, não é só da natureza que depende nosso rumo, pelo contrário, a natureza é impactada pela nossa desgraça. Por ela e por nós próprios o presente tem um recado: é insuportável a história continuar a mesma.

Dizem que os mortos não falam mais, no entanto, os bons de verdade não se deixam calar nem pela maldita covid 19, “batidas na porta da frente é o tempo”. É ele mesmo a cobrar de nós o aluguel atrasado.

Em todo território nacional, parece que visto pelo retrovisor, as artimanhas do presente espetam os nossos olhos. São as cenas da escravidão que não acabaram, assim como o genocídio do povo indígena que se perpetua e o terrível fantasma do fascismo que continua puxando nosso pé. Imbricado a isso tudo, como pai generoso de todas as violências, o soberano capitalismo.

De olho meio aberto, parece que a história está exigindo passos além das janelas, está impondo a ousadia de enfrentar a realidade, de romper as molduras confortáveis para nascer o futuro, não aquele com cara de passado, que já vem ao mundo viciado pela mesquinha de quem sempre mandou, mas um forjado por nossas mãos trabalhadoras e corajosas, mãos coletivas que já criaram tanta beleza e rebeldia. Mas ainda é a angústia que toma nossas noites e nossos dias, como seres humanos cindidos, divididos entre o

pensar e o agir, com anos seguidos de amortecimento, padecemos da janela. Ou recorreremos a pílulas da farmácia de cada esquina. Pela janela dá pra ver, tem mais farmácia do que espaços para encontro, diversão, arte e debate. Por que será?

Individualizamos o sofrimento que é coletivo, aplacamos o sofrimento com psicotrópicos, com respirações da moda que, de tão insuficientes, não podem encher os pulmões, nem erguer nossas mãos. Só tem uma saída desse doloroso labirinto de fome e desespero e é coletiva. Coletiva de seres humanos comuns, que pegam ônibus, que trabalham, tentam comer e amar.

Estranho dizer de amor em meio ao horror. Mas não é. Aliás, é a forma humanamente possível de combate. É preciso amar para combater, mas um amor que saiba o que odiar. A mão humana inventou o amor e transforma o mundo, as coisas, o próprio feito de amar. Amar é ação não egoísta que constrói o amanhã. Como na canção: “que não seja meu o tempo em que amor morreu”.

O que nos segura os tornozelos para aceitarmos a soberania do ódio, da ignorância, do insuportável? Por que não rompemos com fúria a janela? Por que seguimos defendendo as vidraças, os lucros alheios e abrimos mãos de nossas vidas? Por que não exigimos para nosso próprio usufruto coletivo todo conhecimento, tecnologia, bens materiais e toda riqueza em geral que produzimos?

Invoco o resgate do elo perdido entre pensar e

agir. Na construção ativa do agir pensado, do agir ético-político. De um agir guiado pelo pensamento e pelo sentimento que defenda nossos interesses de classe trabalhadora, assim como o pleno desenvolvimento humano em nossas riquíssimas diversidades. Aposto nesse agir eticamente comprometido de classe e de amor, sem jamais confundir amor com passividade.

Amor reage, enfrenta e cria, não tolera violência. O amor é radical.

O amor radical é a única possibilidade de destruição do rato raivoso do fascismo e do seu pai. A arte é outra filha da radicalidade, como um poderoso instrumento da sensibilidade humana, capaz de criar o que ainda não se enxerga, o que ainda não se sente. Não é à toa que os fascistas odeiam os poetas, os artistas, os bons homens e todas as mulheres. Somos muito perigosas, às vezes, como bruxaria, sacudimos o mundo.

Por acaso andaram assistindo a cinema nacional?

Aos que temem a nossa ação coletiva, o ruir da pré-história, aos que têm medo das estátuas de escravocratas que caem e metem a mão limbenta em tudo aquilo que criamos, todo nosso amor radical. Não digo outra coisa, Bacurau já basta.



POEMAS

Entre Janelas

Alberto Verderi Neto

Pela janela do 512

Vejo carros

Vejo árvores

Vejo pássaros

Pela janela do 463

A maresia invasora

Bicicletas

Exercícios físicos

Pela janela do 338

Vejo outras janelas

A lavanderia do 340

Crianças em roda

Pela janela do 274

O terreno baldio

O futebol de várzea

A fofoca de portão

Pela janela do 55

O barulho

Aquele barulho

O terço na mão em oração

E por essa janela estranha

Desse casebre no meio da calçada

Me questiono sempre

O porquê de todas essas máscaras

Pécora

Eder Wilker Soares dos Santos

Pelas Janelas : Reflexões em tempos de isolamento

Pra que insistir se o corpo reclama?
Pra que tanto drama, pra que tanta lama?
A sujeira, que escorre pela parede da sua casa
Humilha o seu quarto, suja a sala.
Depois do trabalho, chupa uma bala.
Nada aconteceu, nada o abala.
Sua vida é uma mala:
Cheia de máscaras personalizadas.
Sobe no salto, desce na vala.
Verde e amarelo, quebrado ou inteiro.
O que importa é o dinheiro.
Não quer nenhuma ajuda,
Não quer nenhum conselho.
A cada escolha, um novo desespero.
Dezenas, centenas, milhares...
Escorrendo pelo bueiro.
E ele segue acreditando
Só o seu pensamento é verdadeiro.

A Dose

Elberdan Barbosa Lopes

Nem justifico meu ato insano,
Começou bem, mas era engano,
Aos poucos um conflito estranho,
É corpo no copo: tomo e desando.

Me alimento só desse fato,
A mente digere e causa estrago.

Isolando-nos nesse acaso,
Até peguei a senha e aguardo,
A tal curva conflito ir abaixo.

Comprei ilusões e abasteço,
A fatura da compra é o medo,
Escrevo diante do espelho,
Mas é minha imagem que leio.

No primeiro andar a vida é a mesma,
O elevador não quer q'eu desça,
Tudo ficará bem: é a certeza!
É preciso renovar para que cresça,
O processo dói para que floresça.

Janelas para nós

Luiz Rogério Romero

Quem diria? Aconteceu.
Hoje estamos em casa, pelo menos elas e eu.
Lá fora, quase tudo ao contrário,
Nada de abraços, sem toques, essa doeu.

Mudança é transtorno,
Duvido da expressão conhecida,
Mas é mudança mesmo?
Ou apenas tentativa, brisa?

E como se muda?
De fora para dentro,
De dentro, pra rua,
Vida minha e sua.

Nesse tempo
Já vi 90 céus e luas,
Nasceres do sol,
Pôr da mente em dúvidas.

Janelas para uma só rua,
Pensamentos em todas as direções.
O real parece insensato,
Portas tortas em busca de explicações.

Mudo de janela, então,
São de diferentes polegadas,
Querem a minha atenção,
Entre covas, chuvas e escaladas

Há lugares que nunca vi,
Nem mesmo espiei pelo vitrô.
Mas hoje, olhei para dentro e para mim,
Para um novo mundo,
O novo eu, vou.

Intervenção

Marli de Oliveira Geraldo

Quisera poder chegar a um lugar e despejar de mim
Todos os sentimentos de angústia, medo, dor e solidão.
Trocar por gentileza, amor e proteção.
Quisera um lugar para escancarar as janelas d'alma.

Quisera superar esses tempos inesperados,
Em que fomos assaltados e feito mascarados,
Jogados em um turbilhão de intensas sensações!
Quisera mais alegrias do que as agonias do dia a dia.

Quisera, nesses tempos de cárcere, perscrutar
A paz da certeza da vida, com vida, convite à caridade!
Quisera não encontrar a morte certa, mazela da ceifada
humanidade.
Quisera vacinar o mal desenfreado com o bem propaga-
do.

Quisera a harmonia para os lares desiguais,
Apenas iguais no contexto de pandemia.
Quisera a não Pandemia, mas pão, vinho e arte!
Quisera a Educação vestida de "Gaia Ciência".

Quisera, na ânsia tonta da sobrevivência, de repente...

Fazer a convivência plena, pura e despretensiosa.

Quisera livrar os fracos, pobres e destituídos da desesperança tempestuosa.

Quisera não julgar, não selecionar, apenas deitar na cama da equidade.

Quisera resgatar das malhas da internet, os filhos indiferentes,

Os pais ocupados e as histórias encantadas, para fazer rodas na sala!

Quisera nas casas fechadas das famílias, mal formadas, bem informadas,

Bem alimentadas e nas mal empregadas, restituir o amor nosso de cada dia.

Quisera que sobrassem os abraços dos familiares, antes escassos,

E que os dos amigos, sendo presença na ausência, fossem valorizados como ouro.

Quisera compor com a falta da melancolia as horas fugidias, das noites e dos dias.

Quisera não sentir a presença dolorida, pungente, da doença instalada.

Quisera...

Artesia

Nathália Germiniani Silva Vicentini

Artesia

A arte é calma,
é doce poesia
em meio à ventania.

A arte é começo e fim,
é esperança e artesias em mim,
é pensar em vida turbulenta,
florescer em terra seca e lenta.

Arte é desvelar, sentir e enxergar
aquilo que ninguém quer ver,
é pulsar, repulsar e expulsar,
arte é ver o outro em nós e amar.

Arte é brilho na alma, é riso, afeto e teto,
é sopro de um amanhã melhor,
arte é aquilo que não nos deixa a sós.

Arte é amável, é o dançar eterno
de um corpo ingovernável.

Dor, lugar comum...

Patrícia Regina de Souza

Todos os dias

Todos os dias há alguém

Todos os dias há alguém que perde

Todos os dias há alguém que perde alguém

Todos os dias há alguém que perde alguém que
ama...

Todas as manhãs

Todas as manhãs existem

Todas as manhãs existem pessoas

Todas as manhãs existem pessoas que choram

Todas as manhãs existem pessoas que choram pela
ausência de um abraço amado...

Em cada dia há uma lágrima
Em cada minuto há uma dor que não cicatriza
Em todos os dias existem centenas a menos
E todos os segundos existem milhares que choram
E todos os dias, minutos e segundos se repetem em
cada novo dia...

Abraços, toques e sorrisos são guardados,
Guardados para momentos oportunos
Para que não sejam enterrados para sempre, adiados
para a eternidade,
Mas a gentileza, o amor e a caridade, não,
Não deveriam ser guardados, mas semeados, distri-
buídos,
Para que pudessem oxigenar a humanidade, tão rara
hoje em dia...

Isolamento

Ronaldo Desiderio Castange

Pelas Janelas : Reflexões em tempos de isolamento

Tortura, tormento, agonia, lamento
Ansiedade, tristeza, medo, sofrimento
Enquanto o planeta respira um alento
O homem se afoga em seu sentimento

Criou aversão por quaisquer empatias
Só o som do dinheiro lhe traz alegrias
O afeto é online e sua falta angustia
Desgasta-se até a rima da poesia

Reclamou outrora da falta de tempo
Quando o tempo sobra não sabe lidar
Reclamou outrora que o mundo sufoca
Quando está sozinho nem sente o ar

Me diz, meu irmão, o valor do viver
Me diz, minha irmã, antes de enlouquecer
Se ter e mostrar importa mais do que ser
É difícil estar só dentro de você

Perspectiva

Tabatha Casagrande

Tinha dez anos quando o mundo senti
E, com mais dez, que sentido o mundo tem?
Pois ao desviar o olhar eu me perdi
Afinal, ele é a perspectiva de quem?

O mundo é caos e loucura
É calma e proteção
E ao acaso de fratura
Quem viver é transformação

Há quem dança fora da melodia
E cozinha sem manual
Mas há quem chora em agonia
E trabalha se sentindo igual

Lá fora hospedam-se o perigo

O medo e a insegurança

E aqui dentro vira abrigo

Do zelo e da esperança

A alma é confinada

Os metros viram mundos

E a linha tênue entre sentir tudo ou nada

Vira corda bamba em segundos

E a roda de amigos no bar

A praia lotada no verão

O sorriso que tira o ar

Viram refúgios no coração

Tempo Quebrado

Vitor Rodrigues Blanco

Nunca imaginei que o tempo quebraria,
Que a vida tão profundamente mudaria.

Era um dia de alegria, o outro dia de tristeza.
Para noite de melancolia, vinha manhã de beleza.

Assim me levava o senhor tempo,
Sempre trazendo um novo momento,

Uma nova dor com um novo sabor,
Um novo amor de uma nova cor.

E, de cada momento, uma lembrança,
De cada lembrança, no coração, esperança!

Esperança de ser cada dia feliz,
Poder continuar os caminhos que fiz.

Mas o tempo quebrou,
Pois neste momento ele parou.
Na minha casa me deixou!

Deixou-me no então vazio,
Como um velho cão vadio

Que só pode, em seu canto, esperar.
Esperar a doce morte vir lhe acariciar.

AUTORES

Alberto Verderi Neto

É estudante de geografia, professor de história, geografia e sociologia, além de escritor e compositor nas horas vagas. Neste momento, essa obra que vos está disponível é a sua primeira obra publicada oficialmente, mas já tem uma experiência ampla em escrever textos e poemas para si mesmo. O apreço pelo mundo do suspense e do terror é um diferencial para a elaboração de suas obras, tal qual o seu primeiro livro que, na presente data de publicação, ainda está em processo de escrita, mas já adianta que é uma trama regada de suspense e elementos que prendem o leitor e despertam a curiosidade pelo horror que todos têm dentro de si, mas além de escrever sobre coisas que apavoram no sentido literal, ele também gosta de escrever sobre coisas que deixam as pessoas amedrontadas: o cotidiano, coisas que ele vê vivendo e sobrevivendo na sociedade em que a realidade se encontra. Se você gostar do estilo, das palavras e da profundidade que vem da mente de Alberto, este é o endereço onde ele posta seus poemas: <http://memoriasedesmemorias.blogspot.com/>

Amália Rebouças de Paiva e Oliveira

É formada em Licenciatura em Ed. Física pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp de Presi-

dente Prudente, Mestre e Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, pesquisa sobre o esporte adaptado, a educação física inclusiva, e a formação de professores para a inclusão com várias publicações científicas nessa área. Atualmente, é aluna de graduação do curso de bacharelado em Ed. Física da FCT - Unesp Presidente Prudente com o intuito de complementar sua formação inicial. Mãe de dois meninos, um deles diagnosticado com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é idealizadora da página no instagram @omeninochico, que tem por objetivo levar informações e acolhimento a famílias que convivem com o TEA. É apaixonada por esportes, poesia, literatura, e artes em geral, e fica a disposição para qualquer contato por meio do email: amaliareboucas@gmail.com

Beatriz Alves Umbelino

É Geógrafa (licenciatura e bacharel) pela Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Campus de Presidente Prudente e Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da mesma instituição. Seu interesse pela literatura tanto na escrita, quanto na leitura, vem desde muito nova, sendo assistida em casa por seus pais e na escola. Sempre participou de concursos literários internos à escola, sendo contemplada por uma dissertação no jornal de sua cidade, Penápolis-SP. Hoje a literatura a ajuda a enfrentar, observar e criar diferentes perspectivas sobre a pandemia e sobre sua própria vida.

Camila Rodrigues Batista Neta

É graduada em Pedagogia e, apesar de escrever desde sua adolescência, nunca levou esta paixão como uma possibilidade. Dessa forma, o conto presente nesse livro é uma ponta solta que, para quem não via um caminho na escrita, agora consegue ver uma brecha por um caminho longo, mas tangível. Com isto, cabe um parêntese de que ela é uma pessoa sonhadora e muitas vezes se guia por essas convicções para traçar os seus objetivos. Ao distanciar-se do âmbito do escrever, gosta de conhecer várias culturas e ter informações que não se encaixam uma com a outra, entretanto, acredita que esses pequenos saberes também são importantes. É apaixonada por cinema por todas as suas diferentes maneiras de comunicar que vão muito além das palavras. Também é uma leitora assídua, está descobrindo o prazer da pintura e possui um acúmulo de ideias que imploram para vir ao mundo. Para aqueles que desejam ter mais informações é possível encontrá-la em: crbatistaneta@gmail.com.

Charles Tayomitsu Ono

Nasceu no interior de São Paulo em Presidente Prudente. Apesar de jovem, sempre teve gosto por leitura e principalmente contos e livros fantásticos. Por conta disso, escreve algumas histórias nas horas vagas e cursa atualmente Pedagogia na UNESP. Pretende se tornar um professor e escritor em um futuro não tão distante.

Eder Wilker

Possui graduação em História pela Universidade do Oeste Paulista (2020) e graduação em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade do Oeste Paulista (2016). Atualmente é aluno do curso de Pedagogia na FCT - UNESP. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Recursos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão, ambiente organizacional e diversidade sexual. E-mail: eder_wilker@hotmail.com

Edson Luis Rezende Junior

É formado em Letras pela UNESP/Assis e desde garoto apresenta apreço pela leitura. Cursou mestrado em Educação pela FCT/UNESP de Presidente Prudente onde pôde trabalhar mais de perto com a formação de professores de línguas estrangeiras e ampliar seu conhecimento sobre a literatura de outros países, principalmente, países hispano falantes. Atualmente, é aluno do curso de Doutorado em Educação pela FCT/UNESP de Presidente Prudente e membro do grupo de pesquisa “Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior”. Suas publicações versam apenas ao contexto acadêmico sendo a crônica aqui apresentada sua primeira publicação mais livre e literária.

Edson Marcelo Oliveira Silva

Psicólogo com experiência clínica e grupos reflexivos sobre gênero e diversidade. Geógrafo em formação pela FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP. Publicou trabalhos em meios de circulação científica. Apoderou-se da linguagem quando criança, para escrever a lápis no papel o que lhe é vital e falar sobre o que lhe afeta. No caminho, exercita o seu olhar por meio da fotografia de paisagens e pessoas. E neste percurso, pinta o agora da vida com pincéis, dedos, tintas e maquiagens na tela, corpo, cara. Assim, delinea o trajeto das coisas com suor, cor, cheiro, desejo e magia. Destaques para seu capítulo “Violência doméstica, gênero masculino e saúde coletiva: novas questões para a Geografia da Saúde” no E-book: “Práticas complementares e alternativas em Saúde” e a exposição fotográfica “Masculinidades” no Museu Municipal de Presidente Prudente-SP. Endereços digitais Email: edson.marcelo@unesp.br Instagram: @som_domar

Elberdan Lopes

É metade exatas, metade humanas. Já teve textos no espaço “Recanto das Letras” e outros blogs, assinando com heterônimos, onde cada gênero de textual continha distintas características do seu autor e personalidade.

Eliseu Savério Sposito

É neto de imigrantes italianos, nasceu em Pirapozinho-SP, onde se formou professor do ensino fundamental. Fez o curso de graduação em Geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. Foi desenhista na UNESP, campus de Presidente Prudente, onde trabalhou como professor e pesquisador desde 1980, chegando ao grau de Professor Titular. Nela se aposentou em 2019. Em sua produção bibliográfica, escreveu 9 livros, organizou outros 17, além de ter publicado 55 capítulos e 53 artigos de caráter científico. Realizou pós-doutorado na Universidade de Paris I – Sorbonne-Panthéon, foi visitante nas Universidades de Salamanca (Espanha) e realizou estágios de pesquisa nas Universidades de Lleida (Espanha), Coimbra (Portugal) e Paris – Dauphine (França). Realizou palestras em universidades de Santiago do Chile, Tandil, Jongköping, Turim, Veneza, Coimbra, Avignon, Puebla, além de inúmeras universidades em cidades brasileiras. Teve intensa vida acadêmica desde seu curso de graduação. Foi coordenador da área de Geografia da FAPESP. É de sua autoria o livro Geografia e Filosofia, muito consultado por estudantes de Geografia. Teve as letras de suas músicas e poesias publicadas no livro À revelia de seu autor. É compositor das 51 canções dos discos Cenário, Nosso canto geral, Viver no campo e Samba, bossa nova e algo mais, todos disponíveis nas plataformas digitais. Gosta de futebol, música, filmes e ler livros, tanto os clássicos quanto os atuais.

Seu e-mail é essposito@gmail.com.

Emilly Sanchez Barros

É uma estudante do curso de Química que fez o ensino médio na ETEC Prof. Massuyuki Kawano em Tupã, sua cidade natal. As experiências dela na área literária sempre foram apenas como leitora, sendo a escrita algo totalmente secundário e os textos sempre ficando esquecidos no bloco de notas. Nunca imaginou publicar algo, até aparecer a oportunidade do concurso. Quando não está ocupada lendo algo, Emilly pode ser encontrada assistindo alguma live do streamer Alanzoka

Fabiano Ferreira Martins

Nasceu na cidade paulista de Rancharia, em 20 de maio de 1993. Filho de Cássia Cristina Porto Martins e Edivaldo José Ferreira Martins, licenciou-se em Geografia pela FCT Unesp de Presidente Prudente - SP no ano de 2019 e está finalizando o bacharelado pela mesma instituição. Atualmente reside com sua namorada e companheira de vida, Gabriela Martins Piva, no município de Bauru – SP, onde atua como Professor de Geografia para o Ensino Fundamental. Além de Geografia, interessa-se também por assuntos ligados às Ciências Sociais e Filosofia, de modo geral, e por algumas expressões artísticas como música, desenho e literatura. Não possui livros publicados, mas alguns de

seus textos e poesias podem ser acessados gratuitamente através do link: <https://www.wattpad.com/user/FabianoFM>. Rejeita a ideia de deus e suas consequências à humanidade. Pensa que a sociedade seja complexa demais para se aprisionar em ideologias muito bem definidas e delimitadas no espectro político, mas repudia absolutamente qualquer forma de autoritarismo e subjugação.

Isabela Delli Colli Zocolaro

Isabela é formada em Pedagogia pela UNESP, apaixonada por livros, estudou sobre literatura infantil na faculdade, e continua agora neste caminho no Mestrado. Este é seu primeiro texto publicado, mas tem muitas ideias guardadas querendo virar literatura. Além de livros Isabela é apaixonada por filmes de romance, pizza e Doctor Who. Também toca gaita na igreja, conta histórias para crianças e ama estar com sua família e amigos (e seus três gatos e quatro cachorros). Se sente muito abençoada, e se orgulha de todos os dias tentar ser um pouquinho de Maria, Anne, Lúcia, Hermione, e muitas outras garotas inspiradoras. Você pode conversar e conhecer mais sobre ela no instagram: @beeladc

Luiz Rogerio Romero

É Professor de Educação Física e Doutor em Saúde Coletiva. Tem aqui suas primeiras publicações no formato de conto, crônica e poesia. Contato: luiz.romero@unesp.br

Marli de Oliveira Geraldo

Nasceu em Presidente Venceslau, em 1973. Graduiu-se em Letras (1998) e em Pedagogia (2001). Ingressou, em 2019, no Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Tem dois livros publicados, “Mariposas, não morrem”, em 2018, e “Gêneros Textuais, por quê?”, em 2020, e vários textos publicados em coletâneas de contos e crônicas pelas editoras Andross, em São Paulo, e Autografia, Rio de Janeiro. Ganhou o primeiro lugar na categoria poemas, do Primeiro concurso Literário em comemoração ao aniversário de Presidente Venceslau, em 2020, com o poema: “Cidade-cenário “. Os filhos, o marido, a família e os livros são as companhias preferidas. Assim como, os filmes. Também, ouve músicas, quase todos os dias. Para Marli, viver sem música é como, todo dia, respirar sem sentir os aromas. Ama ler e escrever poemas. Tem como inspiração vários poetas e poetisas. A sua grande referência é, o poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade.

Nathalia Germiniani Silva Vicentini

Artista (bailarina), Assistente Social e Pedagoga. Atualmente é bolsista CAPES/Mestranda no curso de Pós-Graduação em educação na Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP) e cursa especialização em psicopedagogia clínica e institucional no Centro Universitário Internacional (UNINTER). Participou de diversos eventos nacionais e internacionais com apresentação de artigos científicos e na área da literatura teve o poema “Doce Ausência” publicado no livro V CLIPP Concurso Literário de Presidente Prudente. Bailarina desde pequena sempre foi amante da poesia, nunca deixou de brincar de ser poetiza e compositora. Dentre as suas maiores paixões está a arte e a educação, sonha em um dia publicar um livro e compartilhar com o mundo os poemas ainda escondidos na gaveta. Email: nathaliasilvass@hotmail.com

Patrícia Regina de Souza

Nasceu em Regente Feijó no dia 12 de dezembro de 1995, mas atualmente reside na cidade de Martinópolis. É pedagoga, mestra e doutoranda em educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia, Unesp, campus de Presidente Prudente. Embora seja professora por formação, é escritora por paixão, escrever é um dos seus hobbies prediletos. Em 2018

publicou o poema “Oh, tempo...” na antologia “Palavras” da editora autografia e em 2019 publicou o poema “Significâncias” na antologia de poesia contemporânea “Além da terra, além do céu” da Chiado editora. Além disso, é colunista em diversos sites e têm páginas nas redes sociais nas quais partilha seus escritos. Patrícia é fã das coisas simples porque entende que só quem enxerga o simples compreende o verdadeiro significado de cada pequeno detalhe; é admiradora das pessoas de bom coração e acredita que todos têm uma maneira de transformar a vida das pessoas para melhor, e entende que escrever é uma dessas maneiras. Instagram: patricia.souza_escritor
E-mail: patyysouza650@gmail.com

Ronaldo Desiderio Castange

É doutorando em Educação e autor do livro de poesias “Caixa de Tintas” (2013) e do livro infantil “O menino autista” (2021). O autor é autista adulto e professor de Crianças com Deficiência na rede municipal de Presidente Prudente – SP. Pode ser encontrado em todas as redes sociais com o @ronaldocastange.

Tabatha Luiza Feitoza Casagrande

Nasceu dia 23 de julho de 1999 na cidade de Pindamonhangaba – SP, cursa Arquitetura e Urbanismo na FCT Unesp desde 2020 e sempre se interessou pelo universo da literatura. Desde pequena é apaixonada por livros de todos os gêneros (em especial, a ficção) e começou a escrever alguns contos e poemas durante a adolescência, porém nunca foram publicados. Tabatha se interessa muito por arte e questões sociais (motivos pela qual escolheu a Arquitetura como graduação), além da literatura, música e cinema.

Tatiane Superti

É psicóloga e professora universitária. Tem mestrado em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, é doutoranda em Educação pela UNESP – Presidente Prudente. Gosta muito de literatura e outras artes. Aposta na força humana criativa e coletiva para mudar a história porque aprendeu que o capitalismo não é eterno. Contato: tsupert@hotmail.com

Vitor Rodrigues Blanco

É autor de dois livros de poesia publicados, e de outros ainda reservados do público. Estes dois livros são: “Sonetos de um Poeta Amador” e “Poesia Livre”, que estão disponíveis no site literário “Wattpad.com”, onde o autor é encontrado pelo nickname/pseudônimo “WhitePoet_”. Ele é um escritor essencialmente amador, esporádico e que não tem o hábito de divulgar suas obras; características estas que definem sua literatura como muito pessoal e despretensiosa, e, que existe como um instrumento das próprias emoções do seu criador. Como um escritor jovem e amador, Vitor nunca fez parte de eventos literários. Sendo marcado pelo Prêmio Carcara, organizado pela Biblioteca da FCT-UNESP, como a primeira competição onde pode verdadeiramente expor sua obra à crítica. Depois de tanto cultivada na esfera introspectiva desde os 15 anos do autor até o presente momento, no qual ele pode ver uma fração da sua obra pessoal ser publicada em um meio literário formal.

Zelina Cardoso Grund

Tem três artigos acadêmicos publicados como autora: “Categoria docente, contratação temporária e precarização do trabalho do professor na rede esta-

dual de São Paulo”; “A realidade do trabalho do professor do Ensino Superior: pesquisa bibliográfica online em foco”; “Políticas Educacionais no Regime de Dedicção Plena e Integral, articulado ao Programa Ensino Integral do estado de São Paulo: uma abordagem documental”. É autora do artigo “O real significado do Ministério Público junto à comunidade” publicado no livro “Dimensões do Direito Público”. Como coautora participou do artigo “O Programa Ensino Integral (PEI) no Estado de São Paulo: análise das produções acadêmicas”. A autora é mestra em Educação pela UNESP, Câmpus de Presidente Prudente/SP; membro do Grupo de Pesquisa e Avaliação de Políticas Educacionais (GAPE) - UNESP, Câmpus de Marília/SP. Ela é graduada em Letras - UNICRUZ (Cruz Alta/RS) e Direito - FEMA (Assis/SP). Especializações em: A Literatura e o Ensino da Literatura - UNESP (Assis/SP); Direito do Estado - UEL (Londrina/PR); Gestão Educacional - IEDA (Assis/SP). Professora da rede estadual do Governo do Estado de São Paulo. Durante sua carreira profissional foi designada como Professora Coordenadora Pedagógica (PC) do Ensino Médio, Professora Coordenadora de Apoio à Gestão Pedagógica (PCAGP) na Diretoria de Ensino de Assis/SP e Vice-Diretora na Diretoria de Ensino de São Vicente/SP. Ela tem participado de eventos a nível nacional e internacional. Registro no ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4451-3444>.

Contato e-mail: grundzelina141@gmail.com ou zeli-na2509@terra.com.br

ISBN: 978-85-60554-17-1

Projeto Gráfico da Capa e Diagramação
Dambrenio Boró
Arquiteto e Urbanista
CAU: A2520281
Contato: dambrenio.boro@unesp.br

Esse e-book utilizou as seguintes fontes:
Gotham - Corpo do Texto
Futura - Capa